WWW.PLACAR.COM.BR
COLEÇÃO
PLACAR
Grandes perfis de PLACAR
7 893614 012490
Abril
ED. 1236 | SETEMBRO 2002 | R$ 4,90
Roberto Carlos
parmalat
Arce
Marcos
César
Luís Pereira
Palmeiras
OS 23 MELHORES PERFIS JÁ PUBLICADOS NOS 32 ANOS DE PLACAR. MARCOS, ROBERTO CARLOS, ADEMIR DA GUIA, LEÃO, ALEX, EDMUNDO, DJALMINHA, EDU, MIRANDINHA, AMARAL, EDU MANGA, BETO FUSCÃO E MUITOS OUTROS
Ademir da Guia
Rivaldo
Leivinha

BRASILEIRO EM DOSE DUPLA

PLACAR ataca em 2002 com dois especiais: o tradicional Guia do Brasileirão e um CD-ROM com as fichas completas dos 11 065 jogos de 1971 a 2001

Já está nas bancas o mais tradicional e confiável **Guia do Campeonato Brasileiro**. São 486 fichas e fotos de jogadores, autógrafos e e-mails dos ídolos. E mais: os gols, cartões e estatísticas individuais de todos os jogadores, números que só o banco de dados PLACAR pode oferecer. Grátis tabelas com todos os jogos das Séries A e B. Por 6,90, já nas bancas!

PLACAR lança um **CD-ROM** inédito no Brasil: as 11 065 fichas completas dos jogos do Brasileiro de 1971 a 2001. Com um simples "clic" é possível descobrir todos os jogos de um determinado jogador, os confrontos de dois times, as pesquisas mais diversas. Um banco de dados com 450 mil informações armazenadas em um CD de fácil acesso. Por apenas 6,90, já nas bancas!

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: Paulo Nogueira
Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Colaboradores:** Leandro Simões (editor), Crystian Cruz (diretor de arte), Fernando Moura (diagramador) e Alexandre Battibugli (editor de fotografia)

www.placar.com.br

Apoio Editorial Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **Prepress:** Susana Cruz **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Leticia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Marcelo Pezzato, Renata Mioli, Viemir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **Marketing e Circulação: Diretor de Marketing:** Alexandre Caldini Neto **Assistente de Produto:** Carla Felicíssimo Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura, Cristiana Cardoso e Renato Dantas **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozanti e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:** 0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036-150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas** – R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426. Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc. em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml. telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282, tel.: (21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco, 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal** - **Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

Publicações da Editora Abril Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais, **Todo Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A, Meu Dinheiro **Jovem:** Playboy, Capricho **Abril Jr.:** Recreio, Witch, Disney, Heróis, Almanaque Abril, Guia do Estudante **Estilo:** Claudia, Nova, Nova Beleza, Elle, Vip **Turismo e Tecnologia:** Info Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo, Guias 4 Rodas, National Geographic **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Bons Fluidos, Claudia Cozinha, Saúde, Boa Forma **Alto Consumo:** Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Manequim, Manequim Noiva **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1236 (ISSN 0104-1762), ano 33, é uma publicação da Editora Abril. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para assinar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

ANER

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidentes: CARLOS R. BERLINCK, CESAR MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, VALTER PASQUINI
www.abril.com.br

SÉRGIO XAVIER FILHO
DIRETOR DE REDAÇÃO

Tesouros no armário

Ele tem 1,80 m, pesa uns 200 quilos, é largo como um armário. Está sempre no cantinho da redação, meio encostadão na parede. Sabe tudo o que aconteceu no futebol brasileiro dos últimos 32 anos e guarda lembranças de todos os ídolos dos nossos clubes. Se fosse um ser humano, mereceria toda a reverência do mundo. O nosso armário das encadernações é o maior patrimônio da PLACAR. Lá estão 1233 edições (fora os especiais) encadernadas em 128 volumes. Vivemos abrindo suas portas, tirando dúvidas ou simplesmente nos deliciando com alguma matéria que tenha marcado. Esse tesouro merecia ser dividido com mais gente. No ano passado, lançamos a "Coleção 13 clubes", contamos em 13 revistas as melhores reportagens de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético-MG e Bahia publicadas desde março de 1970. O enfoque nessa primeira série eram as conquistas, as reportagens que contaram os principais títulos dos clubes. Agora atacamos forte nos perfis, os grandes ídolos de cada época.

O Palmeiras aparece de um jeito curioso nas páginas da PLACAR nos últimos 30 anos. Os grandes jogadores do Palmeiras que barbarizou no início dos anos 70 aparecem várias vezes, foi duro escolher o melhor perfil de César Maluco, o melhor Luís Pereira, o melhor Leivinha. No caso de Ademir da Guia, foi impossível. Então escolhemos três. Depois disso, começa a fase da fila, o doído intervalo de títulos entre 1976 e 1993. Aí, os ídolos são mais cobrados, o fantasma de um novo fracasso atormenta a todos. Caso do pobre boliviano Aragonés, do talentoso Jorginho, Edu Manga e outros. O início da vitoriosa era Parmalat coincide com uma fase de raros perfis na PLACAR. Isso explica a ausência de Evair e Zinho nas próximas páginas. Mas tem Marcos, Arce, Edmundo, Djalminha. É ler (ou reler) e correr para o abraço.

Goleador, sim. Rebelde, mais ainda. César Augusto da Silva Lemos virou "César Maluco" para os palmeirenses, por suas diabruras dentro e fora de campo em nove anos de clube (1965-1974). Aqui, nesse desabafo à PLACAR, ele se defende, desafiando os dirigentes. Sem papas na língua.

"Palmeiras do meu coração"

ELE É UM CARA QUE ESTÁ SEMPRE RINDO. MAS NÃO ADMITE QUE O PISEM, COMO NO INÍCIO DA VIDA E DE SUA CARREIRA. AFINAL, ELE É UM MOÇO QUE TEVE QUE SE FAZER

POR MICHEL LAURENCE

A janela de sua casa está sempre aberta para ouvir e responder aos gritos das crianças que passam indo à escola:

— Ei, César. Ô, César.

Da mesa de sua sala, ele responde com um sorriso, um abano.

— As crianças gostam de mim. Não querem saber se cheguei atrasado no treino. Se não estou usando gravata. Só querem que eu fale com elas, dê autógrafos.

César acabou de acordar, são oito e meia. O cabelo ainda todo desalinhado, uma cara de sono e os olhos preocupados. O sorriso brincalhão só reaparece na hora em que fala de seus cachorros: Bobby Moore ("foi o melhor jogador da Copa") e Zara, um doberman de dois meses.

Ele já esqueceu os cachorros:

— Olha, eu erro como todo mundo. Mas não erro por querer. Só que quando eu estou errado, reconheço; e os dirigentes nunca reconhecem.

César reconhece, também, que parece atrair confusão. Tudo o que lhe acontece tem enorme repercussão. É manchete de jornal, comentário em televisão, o diabo.

— Nesse caso de agora, sinceramente, estava errado, mas ao mesmo tempo não estava. Cheguei atrasado no treino porque um comando parou duas vezes meu carro. Nas duas, os guardas, depois de me reconhecerem, ficaram batendo papo comigo. Eu queria ir embora, mas também não posso bancar o mascarado e ir saindo. Quando cheguei ao Palmeiras estava dez minutos atrasado. Entrei no vestiário e estava trocando de roupa, quando o Domingos Ianacone nem entrou nos vestiários para me dizer que o Mário Travaglini tinha me proibido de mudar de roupa. Fui para o campo e ninguém veio falar comigo. Eu expliquei o que havia acontecido, porque eu quis explicar, e ninguém acreditou. Aí não agüentei, fui para o escritório do presidente, já entrei sem pedir licença, querendo saber o que estava acontecendo comigo. Segundo o presidente,

não estava acontecendo nada, era o novo regulamento de disciplina. Perfeito. Me multaram, tá certo, afinal cheguei atrasado. Agora, me tirar do time que foi ao Sul jogar contra o Grêmio e do jogo contra o Bahia, aí já é demais. Sabe quanto perdi nessa brincadeira? Cr$ 1 800,00. Não estou aqui para jogar dinheiro pela janela. Só quero saber de uma coisa, se chegarem num treino aí cinco ou seis atrasados, vamos supor: Leão, Luís Pereira, Ademir, Dudu, vão tirar todos do time?

César sabe que os diretores esperam justamente que, no dia em que chegar alguém atrasado no treino, ele reclame:

– Podem ficar esperando. Eu nunca faria isso. São todos meus amigos. Apesar de tentarem me jogar contra eles lá no Sul. Me contaram que um diretor disse no vestiário que eu havia dado uma declaração aqui em São Paulo, de que "o time, sem mim, não ganharia". Isso é uma bruta mentira, nunca falei isso, mas é capaz de alguém ter acreditado.

– Estão vendo? É nisso que eu erro. Não aceito que me mandem recado. Se alguém tem que falar comigo, que venha.

César não consegue deixar de se revoltar. Ele sabe que isso também o prejudica. Mas com seu temperamento...

– E, depois, eles sabem o que fazem. Quando os dirigentes me atacam, eles sabem que vão conseguir o que querem: promoção. Sou um jogador que promove, e eles, no fundo, só querem promoção.

– É verdade. Eu posso ter momentos ruins, mas tenho outros bons, como todo mundo. A verdade é que eles esquecem com rapidez. Quando eu saio por aí desafiando os outros times, brincando com a torcida, brigando com outras, eles sabem que eu estou promovendo o jogo. Tem torcedor que só vai para ver se vai acontecer realmente o que eu falei. No jogo contra o Fluminense, lá no Maracanã, pela Taça Libertadores, eu disse antes que ia fazer um gol. Dei sorte, fiz um, mas no final os torcedores queriam me pegar, até apedrejaram meu carro. Depois, na final contra o São Paulo, aqui no campeonato, no Morumbi. Olha, se eu sou o capitão do Palmeiras naquela, na hora que o Armando Marques anulou o gol do Leivinha, eu tirava o time de campo. Aí eu ia querer ver a cara do Armando, ele sozinho no centro do campo. Boa essa, né? Eu disse que a gente ia ganhar fácil, o estádio encheu e no final tive que sair protegido pela polícia.

– O Palmeiras perdeu, né? Lá em Campinas eu disse: "a Ponte vai cair". Os torcedores ficaram com uma bruta raiva, mas o estádio encheu, até hoje o recorde de renda não foi quebrado. No final tive que sair protegido de novo. Tudo o que eu faço dentro de campo, faço pelo Palmeiras. É minha obrigação, mas faço tudo o que posso, tudo. Sei que faço parte do espetáculo. Quanto mais eu fizer, mais gente vai ao estádio. Já fiz de tudo, só falta eu pegar a máquina de um fotógrafo e fotografar enquanto ele comemora um gol meu. Só uma coisa faço espontâneamente: comemorar o gol. Sinceramente, quando eu vejo a torcida subir depois de um gol meu, me dá vontade de ficar comemorando para sempre. É a maior alegria de minha vida. Pena que tenha que voltar para a saída. E vejo, com quase orgulho, muita gente hoje imitar o que eu faço. Agora os jogadores correm para a torcida depois do gol, antigamente não.

"Olha, eu erro como todo mundo. Mas não erro por querer. Só que quando estou errado, reconheço; e os dirigentes nunca reconhecem"
CÉSAR MALUCO

Na televisão anunciam a troca de César por Édson, do São Paulo. O comentarista não gosta de César e demonstra isso através de suas palavras. César não entende:

– Eu nunca fiz nada contra eles, como é que não gostam de mim? Ao contrário, gravei um teipe em que eu mando um abraço para todos.

– Deixa isso pra lá. Você vê, dizem que eu sou mascarado, mas, mesmo tendo um Dodge, ando algumas vezes de ônibus, eu gosto. Se tivesse bonde ainda, andaria pendurado no estribo. Comigo nunca aconteceu nada do que outros jogadores dizem que acontece com eles.

Ando de ônibus, as pessoas vêm conversar comigo, ninguém me xinga, ao contrário, há até alguns que pagam o ônibus para mim. Eles gostam de conversar sobre futebol. Eu também. Vou a todos os lugares que quero. E encontro muita gente, que me pixa por aí, nesses lugares.

– Eu gosto de um samba. Vou sair numa escola esse ano. Na Camisa Verde e Branca. Vou formar uma ala. Eu gosto, todo mundo gosta, mas me criticam.

César sorri, muda de assunto:

– Olha, se eu tivesse jogado na partida contra o Bahia, a renda seria bem maior. Eu sei disso. Tem torcedor que gosta de ver o que eu vou fazer em campo. Portanto, tirando-me do time, estão prejudicando o próprio Palmeiras.

Para quem já foi muito pobre como César foi, o dinheiro tem valor e ele não o gasta à toa. Ao contrário, emprega seu dinheiro muito bem:

– Eu tenho um advogado que cuida de tudo para mim, o Freitas, lá em Niterói. Agora, eu estou pensando em comprar um colégio. Tudo o que ganho, emprego. Quero viver bem quando parar de jogar futebol, não quero ser um qualquer. Ajudo meus pais e tenho quatro irmãos morando comigo. Não, amigo, não sou um cabeça de vento, como muitos gostariam.

– Sabe o que eu gostaria? Que os dirigentes cuidassem de mim dentro do campo. Eu treino e jogo, me empregando. Fora do campo, que me deixem em paz. É só isso que eu peço. Só isso, palavra. Deixem-me jogar em paz. ○

LEMYR MARTINS

César, quando se sente mais à vontade: "Só uma coisa faço espontâneamente: comemorar o gol"

Ele fez parte da constelação alviverde que encantou o país nos anos 70. Longe de ser gênio como Ademir da Guia ou Leivinha, o ponta era uma espécie de escada para os ídolos. "Se dosar a velocidade, controlar o chute e erguer a cabeça, explodirá como craque", declarou, na época, o técnico Osvaldo Brandão.

O rápido caminho do gol

POR CARLOS MARANHÃO

MUITOS O CHAMAM DE BURRO. MAS EDU, UM DOS PONTAS MAIS VELOZES DO BRASIL, NÃO LIGA. "E NEM DEVE", DIZ SEU TÉCNICO OSVALDO BRANDÃO. "O EDU ESTÁ SE TORNANDO CRAQUE"

Carlos Eduardo da Silva, o Edu, 24 anos, 1,72 m, 72 quilos, chuteira nº 40, ponta-direita do Palmeiras, não é ídolo da torcida, nunca foi lembrado para a Seleção Brasileira. E muitos, quando ele não consegue acompanhar uma jogada de Ademir ou Leivinha, o chamam, sem maior cerimônia, de burro.

A explosão

Mas ele, sempre alegre e com um sorriso fácil, chuta violentamente com os dois pés, tem um físico perfeito e é veloz como poucos - qual o lateral que ousa persegui-lo num pique de 30 metros?

Segundo César, é o Cafulé — mistura de Cafuringa com Pelé.

Para seu técnico Osvaldo Brandão, Edu lembra um brilhante que pouco a pouco vai sendo lapidado.

— Ele está explodindo como craque.

Outro dia, o técnico o chamou de lado na porta do vestiário.

— Edu, você vai fazer ioga.

— Fazer o quê? — perguntou, espantado.

— Ioga, Edu, para melhorar a cuca — explicou Brandão, na base da brincadeira.

Edu não se incomoda com as insinuações. Conforma-se com as vaias e sempre fica um pouco indiferente aos aplausos, "conseqüência normal do gol".

Não vivem dizendo que sua única qualidade é ser rápido, mas que sua velocidade não conduz a nada? Não o acusam de correr de cabeça baixa? Não repetem, por acaso, que, apesar de seu chute fortíssimo,

"Quem xinga é esse pessoal que fica vendo o jogo lá de cima e não sabe como são as coisas aqui dentro. Por que burro?" EDU

vive acertando bolas na trave? E os gols que perde feito um louco?

Mas, porventura, lembram-se de que ele é um cara disciplinado, incapaz de desobedecer a uma ordem? Alguém fala que não tem vícios, "a não ser tomar um vinho" de vez em quando? Sabem que, com o que ganha, sustenta a mãe e onze irmãos, porque o pai, ferroviário às vésperas de se aposentar, recebe Cr$ 350,00 mensais?

Edu acende um cigarro, um dos três que fuma por dia.

A visão

Se eu jogo de cabeça baixa? Jogo. Eu não sei correr de cabeça levantada. Deveria corrigir esse defeito, claro, mas isso não chega a me atrapalhar tanto. Quando recebo a bola, fico de cabeça erguida e vejo onde estão o César, o Leivinha, o Ademir. Aí, eu abaixo a cabeça e começo a correr com a bola. Quando chego perto da área, então está certo: levanto os olhos para ver onde se colocaram os outros e centro. Se não levantar, não tem grilo. Ouço os gritos de "Aqui, Edu", "Solta, Edu". E a bola chega lá.

A reação

Brandão acha que esse é um dos defeitos de Edu.

LEMYR MARTINS

O ponta-direita deixa mais um marcador no chão: quando queria imprimir velocidade ao jogo, era para Edu que Ademir da Guia passava a bola

— Mas ele acabará aprendendo a jogar de cabeça erguida.

— Outra crítica que me fazem é de conseguir o mais difícil, entrar na defesa adversária com a bola dominada e depois perder o gol. Acontece. Preciso de mais calma. Às vezes a gente entra em campo todo apavorado e não se tranqüiliza.

— O Edu — acrescenta Osvaldo Brandão — precisa colocar a cabeça no lugar e, pensando bem, talvez a ioga funcionasse.

Nos jogos do Palmeiras, há uma cena freqüente: Edu disparando pela direita, correndo atrás da bola antes, da hora certa. "Espere um pouco, Edu", pede César.

— Como é que vou correr menos? Ou eu corro ou não chego à bola. A velocidade excessiva muitas vezes não me permite chutar bem, mas meu negócio é correr. Ou você prefere que eu drible? O ponta fintador só joga para o público. Correr é melhor do que driblar. E muito mais fácil. Mas Osvaldo Brandão corrige:

— Ele explodirá como craque no dia em que souber dosar a velocidade. Deve correr na hora exata e na velocidade adequada.

— Eles me chamam de burro, sei disso. Quem xinga é esse pessoal que fica vendo o jogo lá de cima e não sabe como são as coisas aqui dentro. Por que burro?

Edu — que estudou até o 4º ano primário e depois parou para jogar nos juvenis da Portuguesa, onde Brandãozinho o deslocou da meia para a ponta — faz uma pequena pausa e depois admite com naturalidade:

— Bom, há ocasiões em que eu não pego uma jogada mais complicada. O que é que tem? Isso é coisa normal. Na hora em que faço o gol, todos batem palmas. Quando perco, sou vaiado e me chamam de burro. Nem ligo.

— Desde que estou no Palmeiras, ele melhorou — diz Brandão.

— Sabe de uma coisa? Burro é quem é teimoso e não aprende. Eu reconheço meus erros. Por exemplo: antigamente, quando a bola vinha da esquerda, eu ficava aberto na ponta direita e dava tempo para o zagueiro interceptar o lançamento ou correr para me marcar. Agora, não: eu fecho para o meio e complico a vida das defesas. Realmente, tenho muito o que aprender em futebol. Com calma, conseguirei tudo.

Ademir da Guia resume o que, em seu entender, falta a Edu:

— Calma. O resto ele tem.

— No duro, minha vida era melhor com o Héctor Silva. Com ele ao meu lado, os adversários acabavam nos marcando homem a homem. Atualmente, o Leivinha também cai um pouco para a direita, mas não é sempre. Eu preferia, pensando bem, ter um lançador lá atrás, como o Gérson ou o Rivelino. Seria meio gol. Eu pegaria o lateral de costas e era só conferir.

Brandão, contudo, prefere que Edu não seja lançado em profundidade:

— Jogando contra ele, eu deixaria um zagueiro na espera para desarmá-lo, sem problemas.

— Ah, o Brandão disse isso? Está enganado. Eu passaria pelo becão de espera na corrida e faria o gol. Seria uma moleza.

Ademir era seu próprio crítico. Dos outros, ele só não aceitava que o chamassem de lento

"Não sou lá essas coisas"

PARA A TORCIDA, ELE É MEIO TIME. PARA BRANDÃO, "SÓ UM DOS 11 JOGADORES". PARA SEUS COLEGAS, ELE É O MESTRE. PARA ELE MESMO, ADEMIR É "UM JOGADOR COM DEFICIÊNCIAS, EM BOA FASE"

POR CARLOS MARANHÃO

Mestre, Divino, Maestro. Ademir passou 16 anos de sua vida no Palmeiras e marcou época. Nessa matéria, já um ídolo incontestável, na casa dos 30, ele faz uma surpreendente autocrítica. Enumera seus defeitos e já antecipa o que iria se comprovar pouco tempo depois: Seleção e Ademir não casam.

Ele é capaz de dizer coisas assim, com tanta naturalidade que nem parece modéstia:

— Sou um jogador limitado, com muitos defeitos. O Pelé, por exemplo, já foi completo — hoje não é mais. Eu tenho consciência de que não chuto forte, de que não sei cabecear e que marco mal.

Mas ele, com a mesma serenidade com que conduz a bola no meio-campo, analisa friamente suas próprias qualidades:

— Desmarco-me bem, lanço bem, entrego bem, sei dar ritmo ao time. Só não me julgo indispensável ao time, como chegam a dizer. Acontece que a bola passa sempre pelo meu pé. Só isso.

De apenas uma coisa ele não gosta que o chamem:

— Já estou cansado de ouvir dizer que sou lento. Claro que não posso competir com o Edu. Também não sou nenhuma tartaruga. Acontece que na minha posição os jogadores não são exatamente rápidos e sim alternam ritmos: veja o Didi, o Gérson, o próprio Rivelino. Acho que a única exceção é o Dirceu Lopes.

Ele, o Ademir da Guia, o Maestro, o Divino, o Mestre.

Com ele no time, o Palmeiras torna-se praticamente invencível. Sem ele, uma boa equipe como outras. Foi o que se viu no jogo contra o Santos. Ademir saiu e, um minuto depois, o Palmeiras levava o gol que iria derrotá-lo — em vão tentou reagir de todas as maneiras.

Mais que isso

Se perguntarem ao seu técnico Osvaldo Brandão o que Ademir da Guia representa para o Palmeiras, a resposta será cuidadosa.

— Há onze jogadores e, portanto, cada um vale para o time mais ou menos 9%. O Ademir representa 9%. Não viu o jogo com o Santos? O Ademir teve que ser substituído e lutamos até o fim para tentar empatar.

Um observador mais isento, como o comentarista Mauro Pinheiro, analisa o problema com maior profundidade:

— O Ademir é o ponto de equilíbrio do time e sabe fazer, como ninguém, uma ligação perfeita entre a defesa e o ataque. Dele dependem, seguramente, 70% do rendimento do seu time.

Mais maduro

Para a torcida, Ademir da Guia atravessa hoje, aos 30 anos, a melhor fase de sua carreira. E para Ademir da Guia?

— Olha, eu acho que sim. Atualmente, estou mais maduro, como homem e como jogador. Ainda não chuto forte, mas já me arrisco a bater pênalti. Continuo não cabeceando bem, mas isso é problema de impulsão e, além do mais, não chega a prejudicar muito um armador. Não aprendi a marcar bem, mas de vez em quando consigo destruir. E no meio-campo, com o tempo, a gente acaba melhorando.

Um conselheiro gordo o interrompe para lhe cumprimentar.

— Mestre, está melhor?

"Sou um jogador limitado, com muitos defeitos. Tenho consciência de que não chuto forte, não sei cabecear e marco mal"

ADEMIR DA GUIA, ESBANJANDO HUMILDADE

Ele sorri, meio sem graça.

— Além do mais, o Palmeiras também está numa grande fase, tão boa como a de 1965, com o Filpo Nuñes, que por sinal fez um ótimo trabalho no clube. Naquela época, com o Tupãzinho, Rinaldo e Servílio, jogávamos muito mais à base de toques do que agora, quando na equipe temos atacantes rápidos como o Edu, o Nei e o César, que podem ser lançados. Isso me faz aparecer bem mais.

Apesar de reconhecer que está mesmo numa fase excepcional, Ademir nem de longe pensa em Seleção Brasileira.

— E para que pensar? Eu não vou, não devo e nem quero ser convocado. Não vou porque se não me deram uma oportunidade no México é que não vão me dar na Alemanha. Não devo, porque na excursão do próximo ano o Zagalo deve levar gente jovem, com menos de 26 anos. E não quero porque, aqui entre nós, estou um pouco chateado com essa história toda de Seleção. No ano passado, relacionaram o meu nome, fui lá, fiz os exames, fiquei cheio de esperanças e na hora da convocação de verdade acabei ficando de fora. Então por que me chamaram antes?

Dói um pouco

Chega um torcedor e pergunta:

— Ô, Ademir, como está esse joelho?

— Dói um pouco, mas melhorou.

Na sua vida, poucas vezes ele teve essa preocupação.

— Eu sou médico do Palmeiras desde 1963. Nesse tempo todo, o jogador que menos apareceu no meu departamento tem sido o Ademir. Ele não se machuca nunca — diz o Dr. Nelson Rossetti.

Machucar-se de vez em quando, desde que não seja nada grave, é coisa que não desagrada a Ademir. Pelo contrário, até o tranqüiliza um pouco.

— É que nesse Nacional a gente nunca tem folga, assim pode ficar uns dois dias com a família. Com tantas viagens, eu ando sem tempo para nada. Desde que começou o campeonato, não consegui jogar na Loteria Esportiva.

As expulsões também aconteceram raramente em sua carreira: seis vezes.

— Sempre em bolas divididas, sem maldade. Jamais xinguei um juiz, nunca entrei para machucar ninguém e no entanto um cara como eu não pode ganhar o Belfort Duarte. Não é engraçado?

Fim no Palmeiras

E quantas vezes ele pensou em sair do Palmeiras, ir embora para o Rio e encerrar lá a sua carreira? Não foram poucas.

— Andei com essa idéia na cabeça, sim. Eu achava que deveria parar onde comecei: no Rio, de preferência no Bangu, perto da casa de meu pai. Hoje, dependendo de mim, prefiro ficar até o fim no Palmeiras. Nessa idade ninguém vai me querer, embora possa jogar mais uns quatro anos.

— Quatro anos? — pergunta Gildo, seu antigo companheiro do Palmeiras. — Você joga mais oito, fácil. Não se lembra do nosso tempo? Diziam que você era lento, mas eu, que jogava na ponta direita, não conseguia alcançá-lo na corrida. E você continua jogando do mesmo jeito, sempre perfeito.

Ele faz um sinal de dúvida.

— Acho que não, viu Gildo? Eu ainda sou limitado, tenho defeitos, preciso corrigi-los logo.

Logo ele, o melhor jogador deste Campeonato Nacional. ○

Depois dele, zagueiro apoiar o time no ataque deixou de ser coisa do outro mundo. Chamado de vários apelidos difamatórios na carreira, o ídolo que sacramentou um estilo de jogo passou por cima do preconceito e da infância pobre para disputar, naquele ano, a Copa do Mundo da Alemanha.

Luís Pereira, com todo respeito

LONGE DE SOROCABA E DA NAMORADA, ELE AMARGOU SEIS MESES NA RESERVA. AINDA ASSIM, O PALMEIRAS COMPROU SEU PASSE – E ELE TRATOU LOGO DE APRESSAR O CASAMENTO, COM A MULHER QUE SE TORNOU SUA PRINCIPAL CONSELHEIRA

POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

FOTOS LEMYR MARTINS

Na preleção antes do jogo com o Ceará, Luís Pereira levantou-se, pediu para falar e surpreendeu. Disse que de agora em diante não vai avançar mais do que duas ou três vezes por jogo, que não vai mais prejudicar seus companheiros. Pediu desculpas a Dudu, reconheceu que ele andou se sobrecarregando por sua culpa e quase chorou quando Valdir, auxiliar de Brandão, o cumprimentou pela coragem e pela honestidade.

— Eu tinha que falar. O importante na vida é o homem ser homem, falar só a verdade, mesmo que ela doa um pouco. A gente tem sempre que respeitar as pessoas e reconhecer nossos erros. Já sofri muitas injustiças, mas não guardo mágoas de ninguém. Muitos dos que tentaram me marginalizar, hoje, só porque ganhei algum dinheiro e alguma fama, me procuram, deixam apelidos difamatórios de lado. Desejo muitas felicidades a todos eles.

Boa conselheira

Não foi Brandão, nem Zagalo e nem nenhum técnico prático e curioso que fez Luís Pereira encucar que deve guardar melhor sua posição de zagueiro central. Foi Marilu, sua mulher e conselheira. Luís Pereira não consegue conversar dez minutos sem lembrar-se de como se conheceram, de como resolveram se casar, dos apertos que passaram quando o dinheiro era curto e de como até hoje ela gosta de analisar suas atuações.

— Quando volto para casa depois dos jogos, tenho sempre que fazer duas coisas: levar um chocolate para a minha filha e comentar com minha mulher como joguei. Se eu digo que ataquei muito, ela sempre acaba dizendo que joguei mal porque pensei só em mim. Seu Brandão também já tinha me dito que eu estava ganhando pontos no Palmeiras, com a torcida, mas perdendo na Seleção. O Zagalo também me recomendou guardar mais a posição quando estávamos naquela excursão, mas no jogo com a Itália, quando o time estava perdendo, e eu me mandei, ele pedia cada vez mais que eu atacasse.

Muita coragem

Se não fosse por Marilu, talvez Luís Pereira não estivesse hoje na Seleção. Poucos dias antes de ser chamado pela primeira vez (Recife, 30/03/1973), sua mulher tinha dado à luz, com o garoto morrendo durante o parto. Os dois ficaram traumatizados, sua mulher sofria, não podia ver crianças e ele, para não deixá-la só, estava disposto a não aceitar a convocação. Muitos amigos tentaram, mas só Marilu conseguiu que ele mudasse de idéia: "Você deve ir. Vá e jogue por mim. Jogue muito".

— Fui, mas ainda tinha vontade de ver o mundo se desintegrar. Eu queria que tudo sumisse num segundo. Depois fui entendendo melhor a vontade de Deus. Tinha que ser duro por fora e mole por dentro. Se eu desmoronasse, levaria tudo comigo.

Sua mulher, professora, quer entrar num curso superior, "para ter o que fazer nas horas de folga", e ele vai levar apostilas do curso de madureza para estudar durante a Copa. No próximo ano pretende prestar Educação Física.

— A vida tem sido muito boa para mim depois que encontrei alguém que me entendesse e me ajudasse. Ela é demais. No passado a vida também foi boa porque eu sofri, mas não me entreguei. Fiz quase tudo por mim mesmo, por gana, por meter na cabeça certas idéias e não tirar mais.

O zagueirão acredita nele há muito tempo, mas algumas vezes sentiu medo. Em junho de 1968, quando o São Bento de Sorocaba, onde jogava, emprestou seu passe ao Palmeiras, ele não quis se transferir. Só concordou quando soube que o empréstimo era por seis meses e que lhe dariam dinheiro. Veio, treinou, esperou passar os seis meses e, em dezembro, quando pensou que voltaria, foi negociado. Insistiu, mas não adiantou. Ganhou Cr$ 6 000,00 de luvas e Marilu o aconselhou a comprar uma casa em Sorocaba.

— Começou meu desespero. Eu vivia pedindo para voltar, para ser emprestado, qualquer coisa que não fosse o esquecimento da reserva. Ninguém ligava. Tinha amigos, mas eles não podiam fazer nada. O César é que me dava força. Ele sempre brincava comigo dizendo que eu era o Chevrolet-74, o carro da Copa. Custei a entrar no time e quando aceitei ajudar, jogando de quarto zagueiro, fora da minha posição, o Minelli prometeu que eu voltaria para central logo que o Nélson melhorasse. Não cumpriu a promessa, como todo homem deve fazer.

— Em 1969 eu já estava cansado de viajar para ver minha namorada e nós dois, sem que ninguém soubesse, resolvemos ficar noivos e casar. Olhamos na folhinha e ela marcou o dia 18 de dezembro para o civil e o dia 20 para o religioso. Comprei as alianças, abrimos um champanhe, comemoramos sozinhos, rimos muito e só em dezembro, com os convites prontos, fomos falar com nossos pais. Ficamos com medo, mas eles aceitaram bem. Eu era menor de 21 anos e precisava da autorização. Foi uma festa daquelas. Comprei tantas coisas que muito neguinho acabou levando carne fresca para casa. Tudo para pagar depois, eu não tinha dinheiro.

— Aí eu senti o valor da minha mulher. Ela viveu a fase dura, nunca reclamou e, ao contrário, me entusiasmava. Eu ganhava mil e poucos cruzeiros por mês, pagava Cr$ 540,00 de aluguel ao Rosa Branca, algumas prestações e quando não ia para o banco de reservas, almoçava e jantava sanduíche, fiado. No segundo contrato já passei a comer arroz e feijão todo dia. Agora posso comer carne, andar de Opala, morar em prédio com piscina, mas nem por isso me descuido do futuro.

Pernas tortas

Antes de chegar ao Palmeiras e à Seleção, Luís Edmundo Pereira nasceu em Juazeiro, Bahia (21/6/1949), e com apenas oito meses veio com a família para São Caetano do Sul (SP). Moravam numa casinha simples da Vila Barcelos. Ele acabou ficando doente, "uma doença que faz a gente emagrecer sem parar". Pisava com os pés para dentro, muito mais do que agora, com a ponta de um quase roçando na do outro. Alguns diziam que acabaria aleijado.

Hoje, ele sabe que não tem os pés tortos, mas que a perna é entortada a partir do joelho. Seus pés são normais. Ele nem mesmo usa chuteira especial ou palmilha.

Na infância pobre, trabalhou como sapateiro, empacotador de farinha de trigo ("saía branco de lá")... até chegar a mecânico da General Motors. Mesmo quando seu horário era das 6 da tarde às 6 da manhã, não deixava de ir à sede do General, clube de várzea, onde jogava vôlei, basquete e futebol. Aos 14 anos, jogava de manhã pelo Cerâmica e à tarde pelo General.

— Naquele tempo não era ninguém, era o King-Kong, um pobre que pisava com os pés para dentro. Chegaram a me chamar de maconheiro e eu nem sabia o que era isso. Aos sábados, quando a turma se encontrava, alguns não me chamavam para ir aos bailinhos. Hoje me chamam de Luís Pereira, mas quando vou por lá só convido para sair no meu carro os mais legais, que não tinham vergonha de ir comigo aos bailinhos.

"Acho que gosto de atacar porque gosto de ficar com a bola perto de mim. Quando criança nunca tive uma bola só minha"

Luís Pereira, contra o Santos de Pelé: de King-Kong à Chevrolet, se tornou o maior ídolo da defesa do Verdão

Luís Pereira começou como centroavante, jogou no meio, substituiu um zagueiro central e em 1966, com 17 anos, foi levado por Jacó e Gonçalves para o São Bento de Sorocaba. O técnico era Wilson Francisco Alves, Marinho (agora no Santos) era o central e ele, depois de um tempo na reserva, andou pelo meio-campo.

Em Sorocaba, ele ficou até 1968, quando foi para o Palmeiras. Aprendeu a gostar da posição e descobriu que Ditão era a imagem do jogador que queria ser: durão, brigador, um cara que suava a camisa, ia cabecear na área adversária quando seu time estava perdendo.

Para Luís Pereira, se alguém da defesa tem que atacar, esse é o central ou o quarto zagueiro. Ele explica que quem joga pelo meio tem mais espaço para se desenvolver do que quem joga pela lateral.

— Acho que gosto de atacar porque gosto de ficar com a bola perto de mim. Quando criança nunca tive uma bola só minha. Aliás, nunca tive brinquedo de verdade. Eu brincava sempre com um pedaço de pau que parecia um revólver. Fingia ser mocinho e saía dando tiros. É por isso que nunca chego em casa depois de um jogo sem levar um presente ou um chocolate para minha filha. ○

Demorou, mas Leivinha, enfim, encontrou no Palmeiras, onde jogou de 1969 a 1975, um palco para o seu futebol refinado. Inteligente, dentro e fora de campo, ele sempre se recusou a forçar qualquer situação. Esta matéria retrata seu apogeu. Leivinha já era uma unanimidade, menos para Zagalo...

Leivinha comemora: "Intimamente, estou vibrando, mas não sou explosivo."

O homem Leivinha

VAIAS, ELE CONHECEU NO LINENSE, ONDE COMEÇOU, NA PORTUGUESA, NO PALMEIRAS. AGORA, LEIVINHA COMEÇA A CONHECER APENAS O REVERSO DA MEDALHA: OS APLAUSOS

POR TEIXEIRA HEIZER

E Leivinha seduziu o torcedor carioca com suas passadas largas. Impressionou a crônica esportiva, que quase sempre o elegeu o melhor jogador dos treinos. Mas continua vestindo a camisa de suplente.

— Eu sou João Leiva Campos Filho, jogador de futebol. Quando fui convocado, falou-se até em protecionismo, em prejuízo do César. Recebi minha convocação com simplicidade e orgulho. Mas se ela me envaidecia, obrigava-me a corresponder à confiança dos que se lembraram do meu nome, a ganhar a posição de titular.

Quando Leivinha chegou ao Rio, misturou-se com o grupo. Nenhum repórter o procurou. Hoje, ele vive cercado por microfones. Nos treinos da Gávea, os aplausos do público são todos seus.

— Encaro tudo isso com realismo. Nas entrevistas, gosto de argumentar. Minhas palavras devem ser entendidas pelo repórter e por quem as lê.

Aplausos não chegam a sensibilizar Leivinha. Ele recorda fatos de seus sete anos como profissional da bola, o começo no Linense, clube da cidade onde cresceu:

— Eu era vaiado na minha própria cidade. Na primeira vaia, eu começava a errar tudo. Ninguém alcança o sofrimento de um homem repudiado pela torcida, como ninguém pode medir a sensibilidade de um homem no momento da consagração popular.

Leivinha diz que, agora, tudo mudou:

- Minha sensibilidade continua a mesma, mas adquiri maturidade. Endureci, mas no fundo continuo o mesmo menino que a professora indicava como um dos mais ternos do colégio.

- Quer saber de uma coisa? Cada um

reage à sua maneira. O César, por exemplo, se autopromove. Ele faz um gol e acena para a torcida — a turma vibra. Está certo, não sou contra sua atitude. Mas eu sou diferente. Faço um gol e comemoro normalmente. Intimamente, estou vibrando. Mas a exteriorização de meu sentimento não é explosiva. Quem quiser que me aceite assim, respeitando-me como sou.

Leivinha confessa que ama o público e que o entende. Lembra um verso do poeta Augusto dos Anjos: "A mão que afaga é a mesma que apedreja".

— Mesmo assim, amo o público à minha moda. Não posso viver sem ele, sem o seu aplauso. Só não meço meu futebol pelas vaias ou aplausos.

Leivinha é Leivinha. Ele não admite que o comparem a ninguém, nem mesmo a Heleno de Freitas, que ele não viu jogar:

— Dizem que foi um grande craque, o máximo. Acontece que não sou um monstro sagrado como ele. Pode ser que a torcida sinta alguma semelhança entre nós dois.

A semelhança existe: Leivinha joga de cabeça erguida, seu drible é curto, mas bem aplicado — e ele só o procura por necessidade, nunca para embelezar jogadas —, seus passes são perfeitos.

Futebol ideal

— Se minhas jogadas saem bonitas, acho bom. Mas não procuro a beleza de propósito — primeiro, o jogo. É evidente que a torcida merece o mais belo espetáculo. Se for possível aliar as duas coisas, chegamos ao futebol ideal.

Flávio Costa viu os treinos realizados na Gávea e, com sua experiência de mais de 40 anos de futebol, afirmou que Leivinha jogaria no seu time, inclusive por motivos táticos.

— Toda opinião de um homem como Flávio Costa é legítima e respeitável. Mas acontece que a que vale é a do nosso técnico. Enquanto ele pensar de modo diferente, espero a minha vez.

Leivinha afirma que seu verdadeiro lugar é onde está treinando. No Palmeiras, ele vem de trás, quem sai para a briga é o César.

— Mas sei entrar na área. Não me julguem só um articulador, mas um ponta-de-lança que vem de trás e precisa de espaço para manobrar. Agora, acho que também serei capaz de jogar na frente. Não custa nada experimentar.

Um dos problemas da Seleção é a falta de um cabeceador no ataque. Leivinha não garante que possa resolvê-lo, mas afirma que nenhuma bola passará sobre sua cabeça sem que ele a toque.

— Não vou dizer que sou um bom cabeceador. Parado, talvez eu não consiga êxito. Mas, correndo para a bola, com impulso, sou capaz de cabecear normalmente. Aliás, quem me vê jogar sabe disso.

Aluno do 2º ano da Faculdade de Educação Física de Santos, colega de Pelé, Leão, Fedato e Cláudio, Leivinha foi obrigado a trancar sua matrícula pelas exigências do futebol.

— Procurei a educação física porque não pretendo afastar-me das quatro linhas. Mais tarde, minha vida será dirigida para a cultura física, pode ser até que eu venha a ser técnico de futebol.

A necessidade de ler, de estudar, foi o próprio meio-ambiente em que se formou que exigiu dele. Garoto de família classe média, seu pai é diretor do Country Club de Lins.

— Segui os conselhos de meu pai na questão de estudos, mas eu gostava mesmo é de basquete e futebol de salão. Acho até que joguei basquete direitinho.

Na vida de Leivinha uma coisa era rotina: as peladas no antigo campo dos eucaliptos. Dos eucaliptos para o campo dos Salesianos foi apenas um pulo. Mais tarde, foi a vez do 21 de Abril, time de futebol de salão.

JOSÉ PINTO

"Se minhas jogadas saem bonitas, acho bom. Mas não procuro a beleza de propósito — em primeiro lugar, o jogo"

LEIVINHA, SOBRE SUA FORMA DE ATUAR

— Não sei se era bom nas peladas, mas era um dos primeiros a ser escolhido no par-ou-ímpar. Se isso define alguma coisa, posso dizer que pelo menos meus companheiros me achavam útil.

Em 1963, começou no juvenil do Linense. Dois anos depois, já era profissional, com contrato, vaias e aplausos.

— Meu primeiro ataque? Deixa ver se me lembro: Cardosinho, eu, Bá, Xerém e Piau. Acho que foi esse. Desculpa, mas sou meio desligado.

Do Linense, Leivinha se transferiu para a Portuguesa. Pouco adiantou seu jogo bonito: a Portuguesa, clube apenas médio, não garantia ao seu futebol o prestígio que de merecia. Aí surgiu o Palmeiras.

— Tomei vaias no início. Custei a me adaptar. Agora acho que estou bem. A imprensa me elogia e a torcida me aplaude.

Seleção não é novidade para Leivinha. Ele já fora convocado em 67 e 68. Não deu sorte e acabou dispensado.

— Em 67, na Taça Rio Branco, machuquei as costas. No ano seguinte, cheguei a jogar um amistoso, contra a Seleção do Paraná, ao lado de Jairzinho, Tostão, Dirceu Lopes e Edu.

Então, Leivinha ficou esquecido. Mas passou a perseguir uma nova oportunidade e, finalmente, ela surgiu. Agora, só espera entrar no time titular. Se dependesse de sua vontade, já estaria escalado. Se dependesse da torcida, também. Mas tudo depende de Zagalo, que até agora está tentando a fórmula Jairzinho, Tostão, Rivelino e Paulo César.

Mais um treino na Gávea: Dirceu passa a bola para Leivinha, alto, olhos claros, cabelos soltos ao vento, cabeça erguida. Lá vai o homem, driblando, chutando, conquistando a torcida, que já o elegeu o craque da Seleção.

Zagalo elogia Leivinha. Mas não ignora que os aplausos da torcida, no fundo, têm uma única finalidade: pressioná-lo. O que ele não admite.

— Leivinha está treinando bem, mas os titulares são outros. É uma questão de direito de escolha. Mas se eu sentir que tenho de mudar, não sou cabeça dura: mudo mesmo. Afinal, eu tinha uma impressão de Tostão antes da Copa, mas ele a desmentiu. Foi Tostão quem conquistou a posição. Leivinha que faça o mesmo.

(Zagalo esquece um dado importante: quando ele assumiu a Seleção, Tostão era o titular, pôde mostrar que a posição era sua jogando no time certo.)

Bicampeão brasileiro (1972-73) e vitorioso no estadual em anos distantes (integrou a orquestra alviverde nos títulos de 1963, 1966, 1972 e no mais emocionante, 1974, contra o Corinthians), o volante entrou para a história do Verdão por causa da raça, do caráter e da liderança, dentro e fora de campo.

O calculista da salvação

ELE CANTA O JOGO, CATIMBA, BRIGA PELA DIVIDIDA. E SABE O MOMENTO CERTO DA VIRADA. ADEMIR ERA O ARQUITETO, MAS DUDU FOI O CALCULISTA QUE SALVOU O PALMEIRAS POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Sem os seis titulares que estão na Seleção e que formam a espinha dorsal do time (Leão, Luís Pereira, Alfredo, Ademir da Guia, Leivinha e César) e tendo que disputar a Libertadores juntamente com o Brasileiro, o Palmeiras acabou chegando na tangente, fazendo apenas para o gasto, entrando apenas na vaga reservada para o melhor depois dos dez primeiros. Mas que outro time teria conseguido tanto sem tantos titulares?

— Só um que tivesse alguém como Dudu, o que é impossível porque como ele só tem ele mesmo. É o único profissional de verdade no nosso futebol. Ele não fala um palavrão, não agride o companheiro e canta o jogo nos noventa minutos. O que ele manda a gente pode fazer sem medo de errar. Ele foi quase tudo nessa classificação do Palmeiras. (De Rosis)

Na véspera do jogo com o São Paulo, penúltimo dessa primeira fase, Dudu pediu a atenção dos companheiros e mostrou os mil cálculos que tinha feito.

— Temos que ganhar do São Paulo. Vamos nos classificar amanhã, ainda que um de nós tenha que se matar em campo.

No dia seguinte ele empurrou o time para a vitória (1 x 0), quebrando um tabu de quatro anos, e os repórteres correram para lhe entregar um relógio e um rádio, prêmios por ter sido o melhor em campo. No vestiário, Dudu sorteou seus prêmios entre todo o pessoal (exceção feita aos jogadores já premiados) e ficou contente porque ganharam o mordomo e o massagista.

Na briga, no grito

Contra o Atlético-MG, ele tentou melhorar a classificação do time e aceitou jogar como líbero. Errou, acertou, brigou, e quando já perdia por 2 x 0 pediu ao técnico Brandão para mudar a defesa. Foi para frente, mandou João Carlos para a quarta-zaga, continuou gritando, o Palmeiras fez um gol, esteve perto de outros e ele não conseguiu dormir à noite.

— Sempre fui assim. Quando perco, não durmo. Não é por remorso, é por tristeza. E como preciso dormir é que brigo, grito, reclamo, seguro, derrubo o adversário e peço ao juiz que todas as faltas sejam a nosso favor. Meus amigos e parentes sempre perguntam como é que eu, um cara pacato, caipira, me transformo tanto em campo. Eles dizem não ser possível, mas é. É meu ganha-pão e é também um pouco de amor ao Palmeiras. Depois de dez anos a gente tem que acabar gostando.

Dudu não bebe, não fuma, não joga e só vai entrar na onda jovem quando suas três calças de tergal, boca estreita, acabarem. Brinca sempre com os companheiros, tem sempre na mão um livro sobre espiritismo, faz os mesmos exercícios que são dados aos meninos de 20 anos, tem autorização para comer de tudo e quando quiser, e no campo é a voz de comando do técnico Brandão.

Garra? Não falta

— Antes do Campeonato, o Brandão chamou o Dudu de lado, disse que não seria fácil uma classificação e confessou que confiava nele para tentar o impossível. O resto todo mundo viu. Ele correu, gritou, pediu bola prensada depois de tê-la chutado para córner, conversou com os juízes, "mordeu o calcanhar dos adversários" e só não falou palavrão. Ele é um jogador que está sempre se superando. (Hélio Maffia, preparador físico)

— Alguns clubes, às vezes, gastam um dinheirão tentando fazer crescer alguns nanicos. O Palmeiras devia gastar uma fábula, se isso fosse possível, para descobrir um soro que conservasse o Dudu jogando por mais uns vinte anos. (Dr. Naércio, médico)

Olho no futuro

Ele anda de Volks e, quando parar de jogar, vai exercer sua profissão de contador. É diretor do Sindicato dos Jogadores, tesoureiro do Centro Espírita (Alan Kardec) que freqüenta e conselheiro desinteressado dos jogadores do Palmeiras.

— Quando aparece por aqui um cara de pastinha na mão, falando fácil, eu logo fico de botuca nele. Se ele encosta no Nei, no Edu, em qualquer jogador mais novo, eu encosto também. Se ele tenta vender livros eu concordo e aconselho que comprem. Mas se tentam vender papel eu vou logo espantando os bichos. Os jogadores são muito procurados por essa gente e muitos acabam fazendo bobagens. Sempre os aconselho a comprar apartamentos, terrenos e a colocar a sobra na pou-

LEMYR MARTINS

Atuando como volante, ou eventualmente atrás da zaga, como líbero, Dudu era o líder nato: jogava forte com a bola nos pés e orientava o posicionamento do time

pança. O que não se pode é pensar só no presente. É errado um jogador viver num padrão muito elevado só porque está ganhando bem. Não passo fome nem necessidades e vivo uma vida decente. Se ganho 1000, gasto só 200. (Nessa hora dona Maria Helena, sua mulher, entra na conversa e brinca: "Anote que ele quando ganha 1 000, gasta só 100.")

Nos últimos quatro anos, principalmente, já falaram várias vezes que ele estava velho, acabado.

— Acho que sou titular porque corro e não pelo nome. Posso não ser uma expressão, mas nunca sentei nos louros do passado, como o Brasil fez depois de 1970. Talvez seja assim por ter perdido meu pai aos 12 anos, por ter começado a trabalhar cedo. Infância dura, mas boa porque, onde tinha uma bola lá estava eu. Brasileiro só pode dizer que teve infância infeliz se não correu atrás de uma bola.

Quando Brandão chegou no Palmeiras, em 1972, veio certo de que Dudu estava acabado. Tinha o jovem Zé Carlos, buscou Madurga, titular da Argentina, e chamou o "velhinho" para conversar.

— Somos amigos, gosto muito de você, mas quando sentir que não dá mais vou tirá-lo do time. (Brandão)

O companheiro Dudu

— Respondi que isso não aconteceria. Quando sentir que já não posso, paro. E acho que tenho provado que ainda posso jogar mais um pouquinho. Naquela época reconheço que não andava muito bem, mas quando falaram que não iam renovar meu contrato, fiz as contas e vi que tinha seis meses para provar que eles estavam errados. Provei, e seu Brandão, achando que eu sofria uma injustiça porque tinha salário muito menor do que o de quase todo o time, exigiu um aumento. No mesmo mês me deram Cr$ 2 000 de aumento e logo depois mais Cr$ 2 000. Ainda ganho menos do que muitos, mas sei que guardo mais.

"Brasileiro só pode dizer que teve infância infeliz se não correu atrás de uma bola"

DUDU

Dizem que Dudu às vezes é desleal, mas ele lembra que nunca quebrou ninguém. Já foi o capitão do time e contam que deixou de ser porque, em 1969, exigiu bichos melhores. Sempre que renova contrato avisa aos diretores que não guardará segredo para os companheiros.

Tem ótima memória e visão de jogo. Além das suas próprias instruções, Brandão lhe transmite também as dos outros para que ele, em campo, exija que eles as cumpram. Está sempre gritando o que Edu, Ronaldo, Nei, Eurico, todos eles, têm que fazer. Durante as viagens controla o comportamento dos companheiros, e se vê um amigo indo dormir muito tarde ou bebendo demais, procura saber se alguma coisa está errada.

A defesa da classe

— Não sei receber elogios e dos troféus que ganhei gosto mais do que me elegeu o "Jogador Operário do Ano". Aos poucos a gente chega lá. O que não adianta é ficar pedindo o impossível, como a isenção do Imposto de Renda. Esses pedidos só serviram para atrapalhar. Se os grandes nomes ajudassem mais, pedindo só para a classe, teria sido melhor.

— O Dudu é muito importante no time. Se a gente se aconselha com ele fora do campo, por que não vai ouvi-lo dentro? Disseram que o Ademir da Guia é o arquiteto. Pois o "velhinho" é o engenheiro que faz os cálculos. (Eurico)

No ano em que conquistaria seu último título paulista pelo Verdão, e último de sua gloriosa carreira, o Divino recebe pelas mãos do empresário Juan Figger uma proposta de transferência para dois times do exterior: Monterrey, do México, e Dallas, dos EUA. Com 35 anos, ele decidiria ficar.

Um homem feito deus

SÓBRIO COMO A PERFEIÇÃO: É O DIVINO EM CAMPO. DEPOIS DE 15 ANOS DE PURA CLASSE, O MAESTRO PODE ESTAR FAZENDO AS MALAS PARA JOGAR NO EXTERIOR

POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

"Jogar futebol é fácil. Difícil é poder continuar jogando numa equipe grande depois de trinta e poucos anos"

Seus olhos miúdos dificilmente olham dentro dos olhos das outras pessoas. Estão quase sempre ausentes, fugindo, tentando levá-lo de volta à tranqüilidade que tanto gosta. Estala constantemente os dedos, roda a aliança e suas mãos, embora com gestos suaves, estão sempre se movimentando.

Lento ele não é. E hoje, quase 15 anos depois de assumir o posto e de começar a ditar o ritmo e a filosofia de jogo do Palmeiras, quase todos já concordam com isto: Ademir da Guia é o falso lento. É o jogador que não se agita desnecessariamente, que dosa suas energias e que, por isso mesmo, se mantém sempre num nível acima da média, próximo da divindade que a torcida lhe atribui, honrando e aumentando a herança recebida de Domingos da Guia, Médio e Ladislau, seu pai e seus tios, craques que ele não chegou a ver jogar.

— Quando meu pai parou eu ainda era muito pequeno. Quem eu ia ver jogar e gostava muito era o Dequinha, do Flamengo. Tinha um estilo bonito, preciso e era sempre muito calmo.

Vivendo o presente

Também não é um jogador frio, desligado, alheio à sorte do jogo e de seus companheiros, embora dificilmente leve até os vestiários as emoções de uma vitória. A não ser quando ganha um título ou quando recebe um prêmio realmente importante, acabado o jogo, acabaram-se as emoções e as comemorações. É seu jeito.

— Ele — diz Leivinha — não é um frio nem indiferente. Apenas guarda para si mesmo as emoções que sente.

É um tipo que raramente sai do sério, uma companhia agradável, que irradia tranqüilidade e segurança. Um craque que, quase no final da carreira, é capaz de sorrir tímido e de abaixar um pouco a cabeça quando algum torcedor o chama de Divino, apelido que ganhou por causa de seu pai, mas que soube fazer apenas seu.

— No futebol paulista não dá para se ficar vivendo do passado. Quando termina um jogo a gente já deve começar a pensar no outro. Só mesmo quando termina tudo e o título já está garantido é que me julgo no direito de cantar glórias. Mas no campo, e até chegar no túnel, eu vibro e me deixo tomar pelas emoções. Às vezes, até

mesmo chego a brigar com um adversário ou com um companheiro, sempre pensando na vitória. Se isso é ser um jogador frio, azar, nada mais posso fazer.

Nem é nervoso, qualificação que ele mesmo, chegou a admitir. Para o professor Hélio Maffia, ex-preparador físico e atual supervisor do Palmeiras, Ademir da Guia é antes um homem preocupado.

— Um jogador nervoso não pode ter sempre, há mais de dez anos, as mesmas 44 pulsações que ele tem por minuto. Ele é o lento mais rápido que eu conheço.

E o mais importante: faz tudo sem precisar ser orientado. Faz por inspiração, por conhecimento, por teoria e por prática.

— Eu — conta Dudu — nunca falo nada com ele. Nunca vi nenhum dos técnicos falar. Ele sabe o que deve fazer. Se não se arrisca a ir à frente, preferindo guardar mais a defesa, eu logo sinto que as coisas não estão muito bem ali.

Bolão e Clarabóia

A torcida o chama de Divino; o ex-presidente, Pasqual Juliano, simplesmente de Bolão; os companheiros costumam chamá-lo de Clarabóia e quando, numa roda de futebol, alguém fala em Ademir, todos logo sabem que se trata do da Guia.

— A gente o chama de Claraboia — conta Edu — porque, quando as coisas começam a ficar pretas, a gente entrega a bola para ele e tudo fica mais claro.

E Armando Nogueira, nos seus tempos de colunista no Jornal do Brasil, depois de dizer que da Guia era "nome, sobrenome e futebol de craque", contou um diálogo que, por si só, diz tudo.

— Sou mais o Cafuringa.

— Se Deus fosse mais interessado em futebol, essa marquise tinha que desabar em cima de nós, agora.

Ademir usa roupas sóbrias, sem flores e sem brilho. As camisas geralmente são de malha, as calças são compradas feitas, sem cortes chamados avançados, o sapato é esporte, o cabelo é curto, a bolsa é carregada com elegância e discrição, num pulso tem um relógio comum e no outro nenhuma corrente com seu nome gravado.

Até pouco tempo curtia um Aero-Willys 1968 e o carro esporte, um SP-2, de que gosta e que usou logo depois, ganho num concurso promovido entre os torcedores e que o apontou como o jogador mais querido. Tentaria ser engenheiro se não fosse jogador de futebol, mas está muito contente com sua profissão. Nasceu no dia 3 de abril de 1942, signo Carneiro, pesa geralmente 73 kg e tem 1,80 m de altura. Gosta de feijoada, curte um filme com Paul Newman, se liga numa piscina, gosta da Mangueira, considera Filpo Nuñez, Osvaldo Brandão e Mário Travaglini bons técnicos, acha que já conseguiu quase tudo na vida e no futebol. E não tem nenhuma decepção que mereça ser repassada e contada. Nem mesmo o fato de ter tido tão poucas oportunidades na Seleção. Foi chamado em 1965, perdendo, sem explicações, o lugar para Gérson, depois de fazer cinco jogos e de sair quando o time ganhava facilmente por 3 x 0 de uma seleção da África; esteve relacionado em 1966 e depois só voltou em 1974, após forte campanha pedindo sua convocação, principalmente por parte da imprensa paulista, mas com visível má-vontade por parte do técnico Zagalo.

Um dia, em 1964, depois de tê-lo lançado um ano antes, jogando contra o mesmo Santos, Filpo Nuñez, argumentando que queria um time mais rápido e mais agressivo, tirou Ademir da Guia e escalou o meio com Zequinha, Dudu e Rinaldo. Perdeu de 4 x 0 e no jogo seguinte Filpo, pedindo desculpas, voltou a escalá-lo.

— Nunca mais vou tirá-lo do time. Nunca, Divino. Nunca mais.

> **"Sem ele no Palmeiras as coisas ficariam mais fáceis para o meu time, mas torço para ele ficar"**
>
> VICENTE MATHEUS, PRESIDENTE DO CORINTHIANS NA ÉPOCA, SOBRE A IDA DE ADEMIR PARA O EXTERIOR

Contam que Minelli, em 1970, aproveitando sua ausência do time provocada por uma luxação nas costelas, uma das duas únicas vezes em que saiu por contusão mais demorada — a outra foi em 1967, com problemas no tornozelo —, também andou sonhando armar o time sem Ademir, mas logo desistiu da idéia, afirmando que o Palmeiras sem seu futebol era um time infinitamente diferente e inferior.

E que em 1967, também diante de uma tentativa feita por Aimoré Moreira, bolando armar o time sem o Divino, Ferrucio Sandoli, diretor de futebol, teria feito a seguinte advertência ao famoso técnico:

— Aqui a gente dá toda a liberdade ao técnico, menos a de ser louco. E tirar o Ademir é uma loucura sem tamanho.

Aos que dizem que joga muito para os

LEMYR MARTINS

Ao lado de Emerson Leão, no jogo de entrega de faixas do Campeonato Paulista de 1976

lados, manda que antes verifiquem quantos gols o ataque do Palmeiras já marcou com lançamentos saídos dos seus pés. Gosta de treinar e, quando se dá bem com um tipo de exercício, costuma cobrá-lo do preparador físico, perguntando por que não o ministra mais. O equilíbrio é sua principal característica. Dificilmente cai e quase nunca é desarmado. Não cabeceia bem, embora já tenha marcado uns três gols de cabeça, e seu chute não é forte, mas bem colocado. Conduz muito bem a bola, geralmente se apresenta livre para receber o passe. A largura das suas passadas compensa movimentos mais lentos.

— Jogar futebol é coisa fácil. Às vezes, fica difícil porque a gente se sente forçado, apertado por alguma coisa, por algum problema na rua, em casa ou mesmo no clube. E eu não acredito que algum jogador consiga deixar seus problemas fora do campo. Isso não existe.

Chegando aos 36 anos, dono do passe — alugado ao Palmeiras até fevereiro do próximo ano —, começando a pensar em parar e ir cuidar da Targaflorio, sua indústria de escapamentos, brincando mais com seus filhos, Ademir se viu novamente tentado. O empresário Juan Figger apareceu com uma proposta, querendo levá-lo para o Monterrey, do México, ou para os EUA, onde jogaria no Dallas.

— A proposta inicial chegou a me fazer pensar com euforia. Aceito ir, mas quero saber onde vou morar, por quanto tempo, quanto vou ganhar, quanto vai me sobrar. São três anos e não será por qualquer dinheiro que meus filhos, em idade escolar, ficarão perdendo tempo. Jogar futebol, como eu já disse, é fácil. O difícil é poder continuar jogando numa equipe grande depois dos trinta e poucos. Não que falte vontade e inspiração. Correr não é o problema, mas se não fazemos tudo, logo dizem que estamos velhos. Nunca é porque estamos gripados ou com febre. ○

Vaiado, humilhado, colocado na lista de dispensa. O zagueirão cujo traseiro avantajado lhe emprestou o apelido não repetiu os bons momentos que viveu no Grêmio logo que chegou ao Verdão. Mas com muita tranqüilidade e o apoio do técnico, conseguiria conquistar o coração dos alviverdes.

LEMYR MARTINS

Fuscão sacode a poeira

APOIADO POR TELÊ SANTANA, ELE VOLTA A JOGAR O FUTEBOL QUE JÁ O LEVOU À SELEÇÃO BRASILEIRA

POR SÉRGIO MARTINS

— Oscar, Oscar, Oscar!

A torcida do Palmeiras gritava em peso o nome do zagueiro da Ponte quando Beto Fuscão levantou-se do banco para substituir Jair Gonçalves.

O jogo era contra o América, na 11ª rodada do segundo turno do Paulistão-78. O Palmeiras estava colocado abaixo da Portuguesa Santista e do Juventus em seu grupo. A torcida, justamente insatisfeita, cobrava uma limpeza geral no elenco. E Beto Fuscão era um dos mais visados.

Em fins de 76, desembarcara em Congonhas com toda a pompa e circunstância. Era Beto — zagueiro da seleção campeã do Torneio do Bicentenário dos Estados Unidos — que chegava para vestir a camisa do Verdão.

— Oscar, Oscar, Oscar!

Agora, o coro da torcida era apenas mais uma humilhação. Não a última, nem a mais grave. Afinal, até em listão de dispensa já fora incluído.

— Beto, ninguém desaprende a jogar. Não se incomode com a torcida. Jogue como você fazia no Grêmio.

Essa foi a única instrução que Telê lhe deu antes de entrar em campo. E também já não era mais tão necessária. Beto estava na dele:

— Depois do meu nome ter aparecido naquela lista, acabei tendo a tranqüilidade que sempre me faltou desde que cheguei a São Paulo e vi o aeroporto cheio de gente. Me senti muito responsável, preocupado em mostrar meu valor, em demonstrar classe. Com o meu nome no listão não dava mais para jogar para a torcida. Era tudo ou nada.

A partida contra o América foi no dia 11 de fevereiro. Dois meses depois seu contrato venceria. Beto tinha consciência de que se saísse do Palmeiras dispensado, o mercado de trabalho em São Paulo estaria praticamente fechado:

— Ninguém ia mais acreditar em mim. Eu próprio teria dúvidas.

Por isso, quando seu contrato venceu, aceitou mais uma humilhação: renová-lo por apenas três meses, como qualquer novato em experiência. E mesmo assim passou horas à espera que os diretores o recebessem. O prestígio de Beto estava no vermelho. A torcida se preocupava quando ele entrava no time. Bem diferente de agora, quando sua possível ausência faz os corações palmeirenses baterem de ansiedade.

— Me tornei um jogador muito marcado depois da decisão do Brasileiro, contra o Guarani. Falhei no gol do Careca e a torcida não perdoou. Acontece que entrei naquele jogo sem estar 100%. Vinha de uma contusão no tornozelo, sofrida contra o Internacional, uma semana antes.

Demorou um ano, mas Beto conseguiu dar a volta por cima. Talvez tenha sido o único jogador do Palmeiras que falhou numa decisão, e voltou a jogar.

— O Palmeiras é um clube muito peculiar. Não admite falha em decisão. Em 71, Minuca falhou contra o São Paulo e nunca mais jogou. Com Ferrari, em 68, em decisão com o Santos, foi a mesma coisa, lembra o jornalista Roberto Avallone.

Quando Beto Fuscão chegou ao Palmeiras, o técnico Dudu ficou entusiasmado com a sua velocidade, virilidade e a eficiência com que cobria os dois lados da área.

— É verdade. Ele joga tão bem de um lado como de outro, o que é muito difícil num zagueiro, concorda Telê.

Também a velocidade de Fuscão é muito rara num zagueiro. Faz 200 metros (dois piques de 100, ida e volta) em pouco mais de 26 segundos. O centroavante Toninho (hoje no Cruzeiro), que era considerado um jogador veloz, fazia a mesma distância em 28 segundos.

— O Beto é o melhor tempo do elenco. Seu grande problema era a série de

Técnico e muito veloz: o motor de Beto Fuscão o fazia cumprir 200 metros em apenas 26 segundos

"Andava acabrunhado. Ia para casa e tinha que me esforçar para brincar com a minha filha, sorrir para a minha mulher"
BETO FUSCÃO

contusões por traumas diretos que não deixavam que entrasse em forma, explica o preparador Moraci Santana.

Beto não gosta de lembrar aqueles dias negros, quando se machucava até em treinos. Não compreendia o que lhe acontecia e se angustiava. No Grêmio, durante cinco anos, nunca se machucara. No Palmeiras, não saía do Departamento Médico.

— Foi uma barra. Andava acabrunhado. Ia para casa e tinha que me esforçar muito para brincar com a minha filha, sorrir para a minha mulher.

Mesmo nesses momentos de solidão e desesperança ele treinava duro. Se desanimava por um momento, o treinador de goleiros Valdir de Morais chegava junto:

— Calma, Beto. A coisa vai melhorar.

Beto apenas murmurava: "Mas vai melhorar quando?" Depois de ter sido titular com Dudu e Jorge Vieira, não tinha a menor chance com Filpo Nuñez. Quando veio Telê, novos grilos:

— A fase não estava fácil. Quando um técnico chega já vem informado de tudo. Então é claro que a gente fica preocupado. Eu teria chance?

Telê soube do grilo e passou a prestigiar o zagueiro nas entrevistas que dava. Era a sua maneira de lhe dar tranqüilidade. Ao ir para casa, Beto ia escutando o treinador no rádio do carro:

— Primeiro, passei a confiar nele. É importante a gente acreditar no técnico. A seguir, passei a acreditar em mim. Então tudo ficou mais fácil.

— Era o que lhe faltava: confiança. O potencial existia nele, diz Telê.

Hoje a torcida confia em Fuscão. Roberto Avallone conta uma historinha que ilustra bem essa mudança:

— Uma vez o Antônio Carlos Morbio, chefe da torcida Grêmio Alviverde, pediu ao Tirone para vender o Beto Fuscão, que não era jogador para o Palmeiras. Outro dia encontrei com ele. Sua opinião agora é outra: "O Fuscão é o melhor zagueiro que temos", me assegurou. ●

O habilidoso meia-direita, autor do gol do título paulista de 1976 (último antes da "Era Parmalat"), ainda é lembrado com carinho no Parque Antártica. Mas viveu seu inferno depois da Copa da Argentina, quando voltou em baixa; acusado de pipoqueiro e covarde pela imprensa e por setores da torcida.

Craque bem brasileiro

CONSIDERA-SE UM BRASILEIRO TÍPICO: POR NÃO TER FÍSICO NEM ENVERGADURA, POR TER NASCIDO E CRESCIDO POBRE. PREFERE INTELIGÊNCIA E MALÍCIA À TROMBADA POR LUÍS ANTÔNIO NASCIMENTO

A dúvida estava no ar. Logo na terceira partida do Brasil na Copa da Argentina, justamente na sua estréia. Jorge Mendonça corria, driblava, lançava, chutava, substituía Zico. Perdia gols. À noite, durante o programa Bate-Bola, da Rede Globo para todo o Brasil, foi atirada a primeira pedra.

Armando Nogueira, diretor da mesa-redonda, olhou para Pelé, Minelli, Ruy Ostermann, Pedro Luís, jogou o assunto: "Eu não sei, posso estar errado, mas a impressão que me dá é a de que Jorge Mendonça corre para não chegar..." Minelli calou-se, Ostermann apenas gesticulou. Pedro Luís concordou, Pelé limitou-se a um sorriso amarelo.

A discussão não terminou ali. Prosseguiu nas páginas dos jornais, arrastou-se pela Copa, continuou nos artigos dos analistas do futebol. No banco dos réus, Jorge Mendonça, 24 anos, 1,77 m, 75 kg, canelas finas, brasileiro, de uma incrível habilidade. O problema estava no futebol? Não, residia no que todos passaram a chamar de "pipocar".

...não deu mostras de valentia e desprendimento... esbarrou na sua discutível ousadia... faltou-lhe a raça desejada...

Talvez, por isso, Jorge Mendonça tenha se assustado quando, ao retornar da Copa, sentiu, da sua torcida, um comportamento diferente, bem diferente daquele que era adotado antes do Mundial. Vaias, xingamentos, críticas, mais pedras.

— Antes, ficavam gritando meu nome, exigiam-me na Seleção. Hoje, se depender deles — pelo amor de Deus! —, acho que nem no clube eu fico.

Cama preparada

Por pipocar?

— Olha, isso parte de quem não tem o que falar. São grupinhos da torcida uniformizada, é uma boa parte da crônica daqui de São Paulo. Prepararam uma caminha pra mim, não sei por que motivo, mas não estou nem ligando. Entra por um ouvido, sai por outro. Ora, meu futebol é o mesmo, sempre foi esse. Eu sou um jogador técnico, nunca fui de dar trombada.

FOTOS JOSÉ PINTO

Na Seleção, substituto de Zico, de seu salário milionário, de seu físico desenvolvido em laboratório, voltou da Copa sem um único gol. Então, retomou a camisa 8 do Palmeiras, continuou perdendo gols, sentiu a barra. Nos jogos e até mesmo nos treinos — como na semana passada, no modesto campo do União dos Operários, na Vila Maria.

— Cadê o pipoqueiro do Mendonça? - indaga um torcedor.

— Está de bobo, na roda. Como sempre — responde outro.

Acabou o bobo, começou o coletivo em dois toques. Na primeira bola, um assobio. Na segunda, vaia. No gol perdido, quando escorou de cabeça, para fora, um cruzamento de Zé Mário, mais vaias. Por um instante, Mendonça parou em campo e, estático, percorreu com os olhos os degraus da arquibancada de madeira tentando localizar o motivo de tudo aquilo.

— Gols... Ora, gols todo mundo perde. Até os maiores goleadores do Brasil passam cinco, dez partidas, sem marcar. De mim, querem gols. Sempre. Todo jogo. Ora, nunca fui de marcar gols! Passo quatro, cinco, marcando. Passo outros quatro, cinco, sem marcar. Mas não tem problema, não, estamos aí. Levando a vida.

Na verdade, o "pipocar" de Mendonça está nessa última declaração. De como levar a vida. Afinal, não é um craque produzido. Nunca encarou regimes especiais, nunca encarou treinamentos especiais. Mas, também, nunca — em seus sete anos de profissão — sofreu uma contusão mais séria que o afastasse dos campos.

Uma arte que aprendeu como criança pobre. Era o crioulinho franzino, correndo atrás da bola de meia, nas praças de Silva Jardim (Estado do Rio), fugindo das pancadas de garotos mais fortes e da vigilância do pai, ferroviário, que um dia sonhava vê-lo doutor. Doutor em advocacia.

Início no Bangu

E seu Niltro Mendonça ficava preocupado. Jorge era o mais velho, mas ele tinha mais cinco pra cuidar. E logo o Jorge só queria saber de futebol. Tomou uma decisão. Ginásio correndo, seu Niltro despachou o filho para Itaboraí, município vizinho, e matriculou-o num curso de contabilidade. Jorge voltou antes da hora, direto para a equipe do União, o único clube de Silva Jardim.

— Não demorou muito, o Eusébio de Andrade, pai do Castor, presidente do

Bangu, me carregou. Ele tinha um sítio lá em Silva Jardim. Gostou de mim, me levou para o Rio. Casa, comida, 100 cruzeiros por mês. Tentei prosseguir na contabilidade. Mas parei de novo.

E à arte, que já possuía, somou a malandragem do subúrbio. Quando entrou em campo pela primeira vez com a camisa do Bangu — Carioca de juvenis, em 1971 —, deixou o seu. Subiu depressa. No ano seguinte, profissionalizava-se, chegava ao time de cima, passava a ganhar 800 cruzeiros por mês.

Recorde de gols

Em 1973, só perdeu para Dario, na artilharia do Campeonato Carioca. Fato que despertou a cobiça do Náutico. Os pernambucanos chegaram, pediram seu empréstimo. Ele foi: Cr$ 600 mil, uma grana que o Bangu não podia desprezar. E o verdadeiro início de carreira.

— Foi em 74 que eu comecei mesmo na profissão. O titio Fantôni me deu a maior força, eu fiquei lá em cima. O Náutico foi campeão, fui artilheiro e só num jogo, contra o Santo Amaro, marquei oito gols (recorde que só Dario conseguiu superar, logo depois).

Gostou de Recife, casou em Recife. Com uma pernambucana. Quatro mil cruzeiros por mês, a vida apertada. Até que, em 1976, soube, inesperadamente, da transação: ele e Vasconcelos estavam vendidos ao Palmeiras por um milhão e meio e mais os empréstimos de Fedato, Mário e Vanusa. O salário era melhor, 11 mil, ele não conversou.

— Cheguei. Mas penei um bocado. Tinha o Erb, o Altimar, o Zé Mário na minha posição. E o Dino Sani não me dava uma colher, uma chance. Aí veio o Dudu, ele confiou em mim. Entrei no time, não saí mais. Fomos campeões em 76 e eu ajudei — disputei os últimos jogos. E, ano passado, cumpri uma das melhores fases da minha carreira.

Um estilo que Jorge Vieira, por exemplo, tacha de importantíssimo para seu esquema de jogo. Com uma observação:

— É um estilo clássico, bonito, muito técnico. Ele não é um jogador de choque, mas nem por isso deixa de ser importante. Imprescindível? Também. Mas só enquanto mostrar vontade e disposição.

Corpo mole

Toninho reforça:

— Ele é fundamental quando atua buscando o jogo, vindo de trás com a bola dominada ou abrindo espaço. Só não digo que é um craque perfeito porque não marca muito. É seu único defeito.

Escurinho endossa:

— Ele é necessário em qualquer equipe do futebol brasileiro. Porque faz tudo com arte. Marcação? Não sei, não sei. Talvez pudesse ser mais viril.

A torcida vaia:

— Ultimamente, não estou gostando muito do seu jogo. Parece que ele está fazendo corpo mole... Sei lá... Só acho que, como profissional, ele tem a obrigação de dividir todas as bolas. (Dorival de Menezes, 32 anos, pintor de automóvel)

Mas a TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras) se desculpa:

— Isso é fase e as vaias partem de torcedores isolados, de fora. Ele tá mal porque tá muito pressionado, muito criticado. Mas não é de pipocar. Quem não conhece futebol mistura as coisas. (Carlos Martino e Arnaldo Ranieri Filho)

E Jorge Mendonça — que já sente saudades do Rio e de Recife (seu contrato vai até março e ele ganha 28 mil por mês) e que acha graça quando falam que o futebol, agora, é força física ("então vamos botar remadores e jogadores de basquete para jogar") — se defende. Como na última quinta, no primeiro jogo decisivo.

Talvez no desespero das críticas, talvez como resposta, procurou entrar em todas, procurou dividir, procurou abandonar suas características. Saiu de campo com a camisa manchada de sangue.

E o Palmeiras perdeu.

Craque ou bonde? Possivelmente, os palmeirenses optem hoje pela segunda opção. Mas que o meia boliviano Aragonés impressionou a torcida na sua estréia, impressionou. Ele perseguiu o gol até conseguir. Era uma forma de homenagear a mulher, que assistia à estréia da janela de um apartamento.

Boas-vindas, Aragonés!

ESTÁ NO PARQUE ANTARCTICA DESDE O INÍCIO DE ABRIL, ACLIMATANDO-SE AOS NOVOS ARES. PELO QUE MOSTROU, SEM FORÇAR, VALEU A PENA POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

— Agora posso te contar, meu bem. Fiz aquele gol pensando em você. Em você e nessa torcida que me está tratando com tanto carinho. Pensei em falar antes, mas achei que não era prudente.

Só domingo à noite, depois de jantar e correr para o quarto, pregando os olhos na televisão, buscando ansiosamente os lances da goleada do Palmeiras sobre o Marília, Aragonés, contente, decidiu confessar a Elza, sua mulher, o desejo profundo que curtiu durante dois dias.

Na sexta-feira, quando deixava o hotel onde mora, dirigindo-se para a concentração, Aragonés abraçou a mulher, deu-lhe um beijo e ouviu dela algumas palavras que não conseguiu esquecer até entrar em campo, domingo à tarde, quando foi recebido com festa pela torcida que quase lotou o Parque Antártica para ver sua estréia.

"Buena suerte. Vaya con Diós."

Sorte. Isso ele tinha certeza de que precisaria, para poder mostrar a todos que o Palmeiras contratara um grande jogador, capaz de assumir a condição de titular e de dar muitas alegrias à torcida.

Desejou contar-lhe seu segredo, mas se conteve. Abaixou-se, pegou sua maleta, mostrou-lhe um sorriso de confiança e, bem baixinho, para que ela não pudesse ouvir, prometeu marcar um gol.

— Para ela e para a torcida.

Elevou o abraço até a janela de Elza.

Um gol que, sem ser fominha, sem deixar que sua idéia fixa prejudicasse o time, perseguiu o tempo todo. Até consegui-lo, aos 35 min do segundo tempo, quando então correu para desabafar junto à torcida. Quando parou à beira do gramado, estendeu seu abraço simbólico até fora do estádio, alcançando a janela de um dos apartamentos que o rodeiam, onde estava Elza, sua mulher.

— Não sei como ela se sentiu naquele momento — contava depois, no vestiário. — Mas eu senti meu corpo todo arrepiar. Era o gol que eu queria dedicar a ela. Eu precisava marcar.

Um gol que levantou a já alegre torcida palmeirense. Feito com calma num toque preciso, comum aos craques, mas que Aragonés, na verdade, para marcar bem sua estréia, nem precisaria ter feito. Para deixar em todos a certeza de que ele tem o bom futebol exibido na Seleção Boliviana nos jogos pelas eliminatórias à Copa do Mundo de 1982, contra o Brasil, e que o Palmeiras aplicou bem os 22 milhões pagos por seu passe, bastariam os três lançamentos que fez sob medida — um deles para que Osni, recebendo na direita, deixasse Jorginho em condições de marcar o terceiro gol. Um lançamento tão perfeito que metade do time esqueceu o autor do gol e correu para abraçá-lo.

Ou bastaria sua noção de jogo, deslocando-se constantemente — mesmo sem estar em forma física ideal —, buscando os espaços vazios e oferecendo opções de jogadas aos companheiros. Caiu pelos flancos, ajudou a defesa e esteve sempre por perto do gol, em condições de marcar. Tudo isso sem fingir modéstia, ele reconheceu ter feito.

— Mas posso fazer muito mais. Senti-me um pouco nervoso no início do jogo e, claro, ainda não estou bem entrosado com o resto do time. Quanto estiver, farei lançamentos mais preciosos que aqueles. É uma das coisas que realmente faço muito bem.

A torcida, vibrando, sufocou-o no vestiário.

E acertará aquelas cabeçadas que andou tentando, sempre no segundo pau,

J.B. SCALCO

O boliviano, no seu jogo de estréia: quem iria imaginar que ele nunca mais repetiria aquela atuação?

"Gringo, jogue sua bola e esqueça o resto. Vá com calma e na certa porque todos estarão olhando só para você"

LUÍS PEREIRA E SEU CONSELHO A ARAGONÉS, ANTES DO JOGO

como no gol que marcou em Valdir Peres, nas eliminatórias.

A torcida viu que Luís Pereira, pela força que deu ao time, empurrando-o e fazendo-o impor-se ao adversário — "coisa muito importante nesse início de campeonato, quando os garotos precisam ganhar maior confiança" —, além do gol que marcou, foi a principal figura do time. Reconhecendo as dificuldades de uma estréia, e sentindo-o vibrante em campo, ganhando confiança a ponto de pedir mais calma ao lateral Pedrinho, um veterano, e de reclamar de Benazzi, quando este lhe tirou a chance de mais um gol, foi a Aragonés que a massa verde dedicou seu entusiasmo. Dezenas de torcedores correram para os vestiários e o sufocaram com pedidos de autógrafos.

Aragonés prometeu repetir essa festa, sem deixar de agradecer aos companheiros que lhe deram força e tranqüilidade para fazer uma grande estréia. E agradeceu, principalmente, a Luís Pereira pelos conselhos que lhe deu na concentração, quando só pensava no gol que queria dedicar à mulher e à torcida.

— Ele me disse: "Gringo, jogue sua bola e esqueça o resto. Vá com calma e na certa porque todos estarão olhando só para você". E guardei também essas palavras porque ele, tendo jogado na Espanha, chegando lá como um gringo, sabe bem como é difícil agradar logo de saída. Felizmente tudo foi bem. Até o gol que queria marcar.

Aos 35 anos, ele via nas estatísticas o motivo para exigir sua convocação para a Copa de 1986. E não é que, após esquecê-lo em 1982, Telê o chamaria? Outra vez no México, de novo como terceira opção, o goleiro que dividiu com Oberdan o posto de maior ídolo sob a meta palmeirense escreveu seu nome na história.

SERGIO BEREZOVSKY

Leão mostra as garras e o subconsciente: "Estou sempre na defensiva, esperando o momento para atacar"

Leão no ataque

O GOLEIRO QUE MAIS JOGOU E MENOS GOLS LEVOU NA SELEÇÃO BRASILEIRA SONHA COM A PRÓXIMA CONVOCAÇÃO E DIZ QUE É ORGULHOSO E METIDO, MAS DISTINTO

POR REGINA ECHEVERRIA

Emerson Leão, 35 anos, está fazendo duas sessões diárias de fisioterapia no ombro direito machucado. Seu velho Palmeiras anda mal no campeonato e, numa só tarde de sábado, no Pacaembu, o mais orgulhoso dos goleiros tomou quatro gols. Mas Leão se recusa a entrar no matadouro e, no momento, tem outros planos descaradamente ambiciosos fervilhando na cabeça: a Seleção Brasileira. Ruge de olhos abertos e cabelos pintados: "Eu quero ser convocado". Que mal há em ser ambicioso, pergunta Leão, e que mal haveria em ser agressivo diante da vida, se ele foi treinado para dar o bote quando atacado? Regras de uma primeira lição: um goleiro deve ser valente, forte, agressivo.

Nos cálculos idealistas do goleiro Leão, uma meta deveria ser cumprida: participar de cinco Copas do Mundo. Ele foi reserva em 1970, jogou em 1974 e 1978, mas Telê Santana deixou-o de fora em 1982. Leão transformou-se, então, num improvisado comentarista. Passado o susto de 1982, Leão refez as contas: quer jogar a próxima no México e — quem sabe? — ainda tem fôlego para agüentar 1990. Ele tem um bom argumento. Na época, terá a mesma idade do goleiro-capitão da Seleção da Itália, Dino Zoff, ao levantar a Copa em 1982: 40 para 41 anos. Leão acha que pode.

E acha que pode também meter-se em outros assuntos. Atualmente afastado do meio sindical — foi diretor e presidente do sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo durante dez anos —, está interessado em saber como a Nova República de Tancredo Neves vai resolver os problemas de sua categoria. Acha que a saída é um ministério e aceita a hipótese de um ministro político para a pasta. "Não posso apoiar ninguém porque o ministro é indicado. Talvez Márcio Braga, mas Márcio Papa é um bom nome. Quem sabe os dois juntos ou até uma comissão?" Mas Leão reivindica para ex-atletas e gente do meio esportivo os cargos de segundo escalão. E nesses cargos que ele está de olho, mesmo quando diz que só vai fazer política quando abandonar o futebol.

Poucos suportam sua arrogância e correm histórias de agressão e antipatia mútuas com a imprensa. "Não sou psicólogo nem nada, mas acho que no subconsciente do garoto que vai jogar no gol está escondida uma maneira de agredir as pessoas, ou desafiá-las", arrisca o goleiro.

Melhor a longo prazo

Ele não convive com jogadores fora do campo, mantém a mulher Evani, uma psicóloga de 32 anos, longe da TV e dos fotógrafos, e impõe exigências para ser entrevistado. A mim, pediu matérias publicadas para ver com quem estava lidando. Logo no primeiro encontro, revelou o motivo: "Quero ir para a Seleção. Acho que tudo o que não contribui pode prejudicar. Sou ambicioso pra caramba".

Eu não estava ali para prejudicar ou contribuir para sua convocação. Queria apenas registrar o momento de um goleiro recordista. Leão fez 103 partidas pela Seleção Brasileira — 80 oficiais e 23 não-oficiais — segundo Duílio Martino, dono do mais completo e confiável arquivo so-

bre a Seleção. É um feito, pois o bicampeão mundial Gilmar jogou menos: 101 partidas, 96 oficiais e cinco não-oficiais. E é um feito ainda maior quando se sabe que Leão levou 60 gols (46 em jogos oficiais), contra 103 gols de Gilmar (100 em jogos oficiais). O goleiro do Palmeiras tem bons motivos para se orgulhar: ele possui a mais baixa média de gol por partida entre os goleiros que tiveram participação efetiva na Seleção e, em 60 dos 103 jogos, saiu de campo sem levar gol.

Leão é inteligente e suporta discussões inteligentes quando se sente seguro. Desfilou-me um rosário de razões para que se considere, hoje, pouco reconhecido: "Se eu conseguisse, como atacante, 50% do que consegui como goleiro, hoje seria uma pessoa próxima dos grandes mitos do futebol, principalmente sendo brasileiro".

Ele lembra também que é o mais antigo jogador profissional em atividade no país, legalmente registrado. Sua carteira profissional assinada, pelo à época ministro do Trabalho Arnaldo Prieto, tem o número 005 — e os outros quatro já abandonaram o futebol. E que, este ano, ao renovar o contrato com o Palmeiras, ganhou o passe livre, de acordo com a lei: hoje, um jogador profissional, com mais de 32 anos e com dez anos de serviço no último empregador, tem direito a negociar livremente seu passe.

Com nota fiscal

No começo de 1985, com as exigências completas (Leão se valeu dos nove anos e meio em que jogou no Palmeiras, até 1978, mais o ano passado, quando voltou ao time), ele alugou seus serviços ao Palmeiras, trabalhando mediante nota fiscal.

Em suas pacientes sessões de fisioterapia no Palmeiras, Leão parece ter completado o ciclo de compreensão sobre si mesmo e sua profissão, ao falar com frieza: "Meu corpo é o meu capital". E faz questão de dizer: entre os dois tipos de pessoas que viram goleiros — os que são gordos ou jogam mal nas outras posições e os que têm vocação —, ele faz parte do segundo. E relembra o Natal em que ganhou uma joelheira do pai, um alfaiate em Ribeirão Preto, e saiu na rua, orgulhoso com os comentários: "Olha que garoto bonito, como ele é forte".

Leão foi atraído pela possibilidade de ser diferente num time de 11. Mas também pela boa vida que ele pressentia: "Quando assinei meu primeiro contrato como profissional, com 13 para 14 anos, comecei a ganhar dinheiro e a gostar disso. E toda vez que eu ia fazer um contrato, eu pedia mais e eles davam. Aí eu vi que tinha valor. A partir disso, comecei a pensar mais alto. E não perdi o gosto". Pelo raciocínio de Leão, um jogador tem outras vantagens: "Com o futebol, eu não precisava aplicar para ganhar. Precisava do meu físico. Quer maior moleza que isso? Eu podia até estudar, como estudei e me formei em Educação Física. Eu entrei na brecha e batalhei. Batalhei e deu certo".

Emerson Leão já foi dono de quatro Mercedes-Benz e, em Porto Alegre, onde jogou pelo Grêmio, tinha dois na garagem. Hoje, mudou de hábitos. Comprou, por 500 mil cruzeiros, um Volkswagen TC e mandou reformar. Vermelho-vivo, dos anos 60. Mora num belo apartamento entre os bairros das Perdizes e do Pacaembu, em São Paulo. Levou-me a sua casa em nosso segundo encontro. Lá de baixo, mandou avisar que estava subindo com visitas e, assim, não encontrei ninguém no apartamento.

Nas salas, a decoração é chique e fria — tons pastel, sofá branco, objetos de arte, um bar abastado, tapetes persas, tudo no lugar. É um apartamento grande, cinco quartos, mas Leão já comprou uma cobertura num edifício perto dali e pretende reformá-la. Confessa-se um homem de família. Não permitiu que eu conversasse com sua mulher nem tampouco que fosse fotografado em seu apartamento. Ele começou o namoro com Evani quando tinha 20 anos e ela 17. Conta que os dois cresceram juntos "mentalmente e financeiramente". O casal tem duas filhas — Camila, seis anos, e Fernanda, dois — e Leão não gostaria de vê-las algum dia num campo de futebol. "O tênis é mais rentável e mais feminino", justifica. Quando pode estar em casa, dedica-se à leitura de "reserva", como ele chama as indicações que recebe da mulher, de preferência livros autobiográficos. Revela que o escritor nacional que mais conhece é Josué Montello. No cinema, diverte-se com ficções científicas e aventuras no fundo do mar. Não cultiva o hábito de ler jornal, mas se informa pela TV, rodando pelos noticiários de todas as emissoras.

AVANI STEIN

"Sou igual a um boi de exposição que torce todo dia para ser escolhido como reprodutor. Senão, eu sei que acabo no matadouro"

LEÃO, RUGINDO E MUGINDO

"Sinto que me preocupo com o futuro muito mais do que um jogador de ataque", diz ele. "Por que será que me preocupo se hoje já não preciso me preocupar? É porque, quando estou fora do gol, no subconsciente não paro de ser goleiro. Estou sempre na defensiva, esperando o momento para atacar." Gosta de lembrar que foi condicionado a agredir por todos seus treinadores e hoje está convencido de que a agressão é uma virtude, principalmente num goleiro: "Em 21 anos de profissão, eu passei a ser um defensor, quer dizer, sempre preocupado com o que vai acontecer. E você acaba levando isso para sua vida particular, de forma diferente. Acaba dando muito valor às coisas que você conseguiu sozinho, dificilmente abre mão para que elas possam escorregar. Como a bola".

É sob este ângulo que ele vê sua rápida passagem pelo Corinthians, em 1983: "Eu entendi que não fui contratado para fazer política e, sim, para resolver outro tipo de problema. Aprendi lá dentro e comecei a caminhar pelas minhas próprias pernas — ia pro campo e depois pra casa. Não participava de encontros de casais, das idas às boates ou aos restaurantes. Eu era simplesmente um operário. E achei que só assim teria sucesso".

Ao final de nossa conversa, ele tinha emitido opinião sobre os mais variados assuntos. E conclui: "Orgulhoso eu sou, metido também. Mas de uma forma distinta". ○

Dramática. Esta é a melhor forma de resumir o que foi a carreira de Jorginho. O meia sofreu com uma suspeita de câncer no pescoço, fraturou a perna esquerda num amistoso da Seleção, às vésperas da Copa de 1986, e não ganhou um título sequer pelo Verdão, em oito anos. Ainda assim, era um craque.

Brilho e bravura

ELE TEM A FORÇA DOS QUE SE ACOSTUMARAM A DRIBLAR AS ARMADILHAS DO DESTINO E O TALENTO PARA FAZER O PALMEIRAS COLOCAR UM FIM NO INCÔMODO JEJUM DE TÍTULOS POR ARI BORGES

A fama de azarado não impediu Jorginho de se tornar ídolo de uma geração de palmeirenses

J. B. SCALCO

Jorginho tinha a idade do calvário palmeirense sem títulos, dez anos, quando enfrentou o primeiro grande drama de sua vida: a morte do pai, Antônio. Ele era um mecânico de hábitos franciscanos, que só pensava em dar um pouco mais de conforto para a casa da Vila Palmital, bairro operário da cidade de Marília, a 457 km de São Paulo. "O velho passava o tempo todo trabalhando para a gente ter o que comer", lembra o hoje grande ídolo do Palmeiras, no qual chegou em 1979. Hoje, aos 26 anos, ele é sua maior esperança para acabar com o jejum de alegrias.

Até a morte do pai, Jorge Antônio Putinatti levava a vida solta e irrequieta de todo moleque do interior: soltar pipas, roubar frutas, brigar em turma. Ainda hoje se orgulha da destreza com o estilingue. "Era ir para o mato e voltar com dois, três passarinhos na cintura", diz com saudade. "Mas, depois, a coisa apertou e fui trabalhar." Primeiro, fiscalizava as bancas de tecidos da loja A Incendiária. Depois, para ganhar um dinheiro a mais, foi para a concorrente Vanitex. "Nesta eu fazia pacotes, faxina e ajudava na cobrança."

Já nessa época encantava os freqüentadores de várzea, brilhando no pequeno Grêmio Ferroviário aos domingos. "As pessoas não entendiam como eu fazia tanto gol sendo tão pequeno", informa Jorginho, cujo atual 1,72 m ainda surpreende os fãs que só o conhecem da televisão.

Apoio materno

A fama do menino espalhou-se e, aos 13 anos, foi procurado por dirigentes do Marília. A mãe, dona Eunice, deu todo apoio, ainda mais quando o clube lhe ofereceu 250 cruzeiros mensais. "Eu ganhava 80 na loja", lembra. "Foi uma festa lá em casa." Logo, a habilidade e a incrível visão de jogo começaram a atrair gente para os jogos do infantil do Marília. Em 1975, aos 15 anos, já tinha participado de algumas partidas no time de cima, conduzido pelas mãos do treinador Pupo Gimenez — por quem Jorginho tem um carinho quase de filho —, quando o técnico Antoninho o convocou para a Seleção que iria disputar o Torneio de Cannes, na França.

Um pequeno caroço surgido repentinamente no pescoço não atrapalhou seu futebol. Jorginho voltou com o vice-campe-

onato (o México levou o título) e sólidos elogios. O Marília já parecia pequeno demais e lá foi o garoto para Porto Alegre. Ficou duas semanas no Grêmio e foi despachado. "Examinaram com desconfiança meu pescoço", recorda Jorginho com a voz grave. "Não disseram, mas senti que concluíram que eu não poderia mais jogar", completa num tom glacial. Era o segundo drama de sua vida.

De volta à Marília, a terra pareceu desaparecer sob os pés de Jorginho. Os diagnósticos eram contraditórios. Falou-se em quisto, caxumba, tumor, até câncer. Foi para São Paulo, realizou duas biópsias no Hospital Sírio-Libanês e, afinal, submeteu-se a uma cirurgia. As marcas da operação são visíveis. "Nunca soube o que era."

"Acho que foi uma brutal inflamação glandular." Um outro caroço surgiu do lado oposto, o direito, mas um severo tratamento o fez desaparecer, levando Jorginho a duvidar da real necessidade da operação. De qualquer modo, teve um ano de carreira interrompida pelo problema.

Não fosse isso, e uma impressionante força de vontade para superar obstáculos, Jorginho poderia ter sido contratado por um time grande até antes de março de 1979, quando o Palmeiras foi buscá-lo, indicado por Telê Santana. Naquele mesmo ano foi figura central no time que brilhou no Brasileiro, culminando com uma goleada sobre o poderoso Flamengo de Zico e Júnior, por 4 x 1, no Maracanã. "O time era fantástico, jogava por música", acredita. "Merecia ter levantado o título."

Elogios ao Q.I.

Não ganhou aquele nem qualquer outro campeonato, mas Jorginho conquistou definitivamente um lugar no coração do torcedor. Seu futebol essencialmente técnico, ao mesmo tempo moleque e solidário, transformou-se na reserva de esperança do Palmeiras. "Sua visão de jogo e o jeito de bater na bola me fascinam", enaltece Leivinha, um dos maiores ídolos da história palmeirense. "Mas acho que ele é solidário demais. Deveria ser um pouco mais egoísta", recomenda. Para o técnico Castilho, Jorginho possui um dos maiores Q.I. que ele já viu em sua longa convivência no futebol. "É muito talentoso e tem nível de Seleção", conclui.

Seleção. Foi ali que Jorginho conheceu seu terceiro grande drama. Convocado pela primeira vez em 1983, pelo técnico Carlos Alberto Parreira, voltou a fazer parte do

LUIS GOMES

"Tive de ouvir gente me dizer que nem sabia se eu ia poder jogar de novo"

JORGINHO, LEMBRANDO-SE DA FRATURA DE TÍBIA E PERÔNIO NAS VÉSPERAS DAS ELIMINATÓRIAS DA COPA DO MÉXICO (1986), QUANDO INTEGRAVA A SELEÇÃO

seleto grupo em 1985, primeiro com Evaristo de Macedo, depois com o velho conhecido Telê Santana. O Brasil preparava-se para disputar as eliminatórias, concentrado na Toca da Raposa. No dia 27 de junho, nos minutos finais de um coletivo contra os juvenis do Atlético, no Mineirão, Jorginho chocou-se com Anderson e levou a pior. Ouviu um estalo, caiu no chão gritando. Tinha fraturado a tíbia e o perônio esquerdos. "O menino não teve culpa. Foi o destino", fala sem mágoas.

Jorginho estava sem contrato e aquele período sinistro — encontrava-se no auge da carreira e sonhava em fazer um excelente acordo financeiro com o Palmeiras —, se serviu para alguma coisa, levou-o a refletir. Aprendeu, por linhas tortas, como o mundo do futebol é na vida real. "Quando se está por cima, todos estão do seu lado", percebeu. "Mas, quando você precisa, não aparece um." A voz de Jorginho é um fio. Pela primeira vez, manifesta profunda amargura. "Tive de ouvir gente me dizer que nem sabia se eu ia poder jogar de novo", conta, para explicar por que teve de aceitar o contrato oferecido, bem abaixo do que pretendia. "Minha tristeza maior nem é pelo dinheiro. Só queria ter recebido apoio para ter alguém para lembrar com amizade e gratidão."

"Chutando tudo"

Foram 83 dias de gesso, mais quatro meses de infindável fisioterapia, sempre ao lado do fisioterapeuta Edson Stefani. "Sempre tive certeza de voltar a ser o mesmo", diz esse virginiano tímido. Agonia mesmo só teve no final da recuperação. Não agüentava ver os companheiros treinar sem poder tocar na bola. Por isso ia ao clube bem cedo, muito antes da chegada dos outros jogadores. "Trabalhei feito um louco para tentar voltar nas finais do Campeonato Paulista do ano passado", rememora sobre o plano desfeito na trágica derrota (3 x 2) para o XV de Jaú, em pleno Parque Antártica. "Fui ver aquela partida e saí com raiva. Voltei para casa a pé e chutando tudo pela frente."

Se os sete meses foram perdidos para o futebol, cada um daqueles dias foi ganho na vida pessoal. A ausência serviu para curtir mais intensamente a mulher Delma e o filho Jorge Raphael, de dois anos e meio. Cuidou melhor dos seus canários, pintassilgos e curiós, e ainda enriqueceu sua coleção de discos, quase todos de duplas caipiras. "Sou bom no forró", comunica, antes de lembrar um inusitado baile que promoveu em seu prédio, pertinho do Palmeiras, semanas atrás. "A sanfona comeu solta a noite inteira e agora os vizinhos, que não conheciam esse gênero, querem mais", diz com satisfação.

Homem coragem

O tempo afastado só não parece ter abalado o futebol de Jorginho, que continua sendo a grande estrela palmeirense, embora ele próprio não se considere um craque. Assim, não se abalou quando não foi novamente convocado por Telê, embora Zico e Sócrates, por exemplo, tenham sido chamados quando também vinham de recuperação. "É que os dois são decisivos, craques fora de série", elogia. "Eu seria apenas mais um no grupo." Consciente e maduro, Jorginho queixa-se apenas da chance perdida de ganhar projeção internacional, já que anda pensando seriamente numa transferência para o exterior, "onde faria a independência de uma vez", como vive repetindo.

Sorte do Palmeiras, que, com Jorginho, alarga seu sonho de ser campeão. Além disso, pode-se orgulhar de ter mais que um jogador de talento inegável no time. Pode-se envaidecer de um homem cuja coragem para enfrentar a vida talvez seja maior que seu futebol. Vale então lembrar o que o poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht escreveu sobre pessoas como Jorginho: são imprescindíveis.

Edu Manga 1987

Ele jogou pelo Verdão entre 1985 e 1989, justamente no meio do período do jejum. Com a camisa alviverde, ganhou apenas o primeiro turno do estadual de 1987. Naquele ano, vivendo sua melhor fase, foi convocado por Carlos Alberto Silva para a Seleção. Mas as comparações com Ademir da Guia o prejudicaram.

Edu Manga: sua patada com o pé esquerdo o ajudou a ser lembrado para a Seleção Brasileira, em 1987

Nos passos do Divino

O JOVEM MEIA DESPONTA COMO UMA PROMESSA BRILHANTE, VIAJA COM A SELEÇÃO E JÁ É COMPARADO A ADEMIR DA GUIA, O MAIS ILUSTRE DONO DA CAMISA 10 ALVIVERDE

POR MÁRIO SÉRGIO VENDITTI

Um forte aroma de goleada pairava no ar. Na tarde de 14 de dezembro do ano passado, o São Paulo vencia o Palmeiras por 2 x 0, pela Copa do Brasil, com certa facilidade. Até que, aos 36 minutos do primeiro tempo, o meia-esquerda Edu disparou um míssil e diminuiu a diferença. O goleiro Gilmar disse que a bola parecia o cometa Halley — ele sabia que passou, mas jura que não viu. Embalado, o Palmeiras conseguiu empatar no segundo tempo. Naquele dia, o jovem Eduardo Antônio dos Santos saiu de campo festejado — e os torcedores começaram a suspeitar de que um novo ídolo nascia. "Foi o gol mais bonito que fiz até hoje", escolheu.

Jogadas de refinada técnica e raro oportunismo como aquela foram decisivas na hora que o técnico Carlos Alberto Silva o convocou para a Seleção Brasileira, em excursão pela Europa e por Israel. "Senti um frio na barriga quando ouvi meu nome", extasia-se ele, que, aos 20 anos, já é apontado como uma das maiores promessas dos últimos tempos. "Ele tem potencial para jogar pelo menos três Copas do Mundo", calcula o fanático Giovanni Bruno, dono da concorridíssima cantina Il Sogno di Anarello, em São Paulo.

Autógrafos e beijos

Muitos chegam a apontar Edu com herdeiro nato da mística camisa 10 de Ademir da Guia. Entre eles, o próprio Divino: "Acredito que Edu será meu sucessor. Seu excelente desempenho me impressiona". Outros preferem um pouco mais de cautela. "Edu tem de melhorar muito para ser comparado a Ademir", acredita Nélson Ferraz, membro da Mancha Verde.

O próprio jogador prefere abrigar-se da

avalanche de confetes e reconhece algumas de suas deficiências: "Chuto mal de direita e minhas cabeçadas saem tortas". Aos poucos, porém, procura eliminar seus defeitos com muita dedicação aos treinos, sempre na esteira do ditado italiano segundo o qual "piano, piano si va lontano". Ou, trocando em miúdos, "devagar, se vai ao longe".

A escalada meteórica de Edu, que pode ser comparada com a atual inflação, serviu para multiplicar o assédio das fãs da noite para o dia, como as taxas do overnight. O telefone de sua casa em Osasco, cidade em que nasceu, na região oeste da Grande São Paulo, toca insistentemente. Quem se desespera com isso é sua irmã, Eliana, encarregada de despachar as tietes. "Ligam até de madrugada", queixa-se a menina. Depois de cada partida, então, uma dezena de fãs costuma cercar o jogador em busca de autógrafos e beijinhos. E o que diz sua namorada Alessandra Bianca, 15 anos, diante de tanta paparicação? Bem, ela não se perturba. "Edu é muito reservado", define. "Fica meio constrangido com todo esse tipo de coisa."

Preocupada mesmo anda dona Ana Quitéria dos Santos, mãe de Edu. Ela teme que as manchetes mexam com a cabeça do filho mais novo, como já aconteceu com tantos outros garotos desta idade. "A fama não me abala", tranqüiliza Edu, afagando a mãe, sua fã desde os tempos das peladas no Atlético de Osasco.

Discos e esfihas

Continua também visitando os mesmos lugares e os amigos de sempre, pilotando seu Escort XR-3 preto. Volta e meia, está-se deliciando com as apetitosas esfihas da lanchonete do velho amigo Carlinhos, que fica no bairro de Presidente Altino. Em seus passeios pelas ruas de Osasco, ainda desfruta do anonimato. Tanto que ele mesmo é quem faz suas compras. Antes de embarcar com a Seleção, por exemplo, Edu aventurou-se num hipermercado da região. Saiu de lá, no entanto, apenas com um LP de pagode — ritmo favorito dele e da grande maioria dos boleiros — de Lecy Brandão. Abandonou, ao menos por enquanto, a idéia de rechear seu armário com novas calças brancas e camisas xadrezes. "Nossa, como as roupas estão caras!", espantou-se com os preços.

Edu, na verdade, evita aborrecer-se com os problemas do cotidiano. Hoje é um irrecuperável cuca-fresca. "Ele mudou bastante", atesta seu procurador Antônio Augusto, mais conhecido por Chaleira. "-Antes, Edu era um casca-grossa." Para se ter uma idéia, na categoria júnior foi expulso de campo cinco vezes.

Espertezas e traquinagens

"Se levasse um pontapé, ficava logo irritado." Num de seus atos intempestivos, Edu quase disse adeus ao Palmeiras, quando ainda atuava nos infantis. O técnico Zelão afastou-o da equipe sem maiores explicações. Deixou-o encostado dois meses. Um episódio que jamais ocorrera desde que Edu havia entrado pela primeira vez no Parque Antártica, com 12 anos, levado pelo treinador Ettori Marchetti.

Em razão disso, Edu resolveu trocar de ares e mudou-se para a Lusa. Passou apenas um mês no Canindé. Foi o bastante para os dirigentes do clube, espertos como são, perceberem que se tratava de um raro talento. "Voltei ao Palmeiras só para pegar minha liberação, mas se recusaram a entregá-la", conta. Cidinho, técnico dos juvenis, aceitou dar-lhe uma chance. Edu arrebentou nos treinos e virou titular.

Sempre seguindo os conselhos do irmão mais velho, Antônio Sérgio, apelidado de Tonigatto, Edu enterrou as traquinagens. "Gosto de alertá-lo sobre as falsas amizades que infestam o futebol", explica Tonigatto, lateral que jogou no próprio Palmeiras em 1981 e hoje, depois de passar por Blumenau, Goiás, Nacional e Novorizontino, aguarda propostas de outros clubes.

O novo ídolo só não tem mesmo paciência para organizar seu minúsculo quarto, que divide com um primo. No chão, amontoam-se roupas, discos e até a amarrotada fantasia que vestiu no Carnaval, desfilando na Unidos do Peruche, ao lado de Gérson Caçapa, inseparável amigo. "'Manga' é um craque fora do comum", diz Caçapa. Manga, aliás, é um dos apelidos de Edu, por ter "o rosto chupado". O outro é "Patão", em razão dos lábios virados que parecem um par de bicos.

Tristeza e emoção

Por pouco, o destino não separou os dois. Em março, Edu foi sondado por Jorge Vieira, ainda técnico do Corinthians. Sem contrato, Edu recebeu um grande número de telefonemas de Vieira dizendo que o recém-eleito presidente Vicente Matheus aguardava apenas a fixação do preço de seu passe. "Achei melhor renovar com o Palmeiras", diz o atleta, que ganha agora 30 mil cruzados mensais.

Quem acabou amaldiçoando a decisão de Edu foi seu pai, Hélio Elias, corintiano apaixonado. "Um dia, ele ainda jogará no Corinthians", sonha, apoiado no balcão de seu pequeno bar, também localizado no bairro de Presidente Altino. "Seu" Hélio não gostou nada da forma como Edu — que na infância torcia pelo São Paulo — comemorou o segundo gol na última vitória contra o Corinthians, no Pacaembu, dia 12 de abril passado. Foi graças a sua enorme capacidade física (faz 100 m em 11 segundos) que ele deu um pique irresistível, marcou o gol com sua venenosa perna esquerda e, cheio de gás, saiu correndo em direção à torcida. "Sempre jogo bem contra o Corinthians", constatou. "Mas é só coincidência." Trepou seu corpo de 1,85 m e 78 kg no alambrado e comemorou feito um doido. "Fiquei triste pelo meu Corinthians e, ao mesmo tempo, emocionado pelo meu filhão", jura.

A família Santos aposta mesmo na estrela ascendente de Edu. Ali, todos acreditam que ele vai confirmar duas previsões: será, em pouco tempo, o herdeiro de Ademir da Guia e o novo ídolo do futebol brasileiro. Já sentem até um aroma diferente pairando sobre ele. Sentem o cheiro do sucesso. ⭘

SILVIO PORTO

"Acredito que Edu será meu sucessor. Seu excelente desempenho me impressiona"

ADEMIR DA GUIA, MAIOR ÍDOLO PALMEIRENSE DE TODOS OS TEMPOS, EM DECLARAÇÃO FEITA EM 1987

Para os fãs, ele era o centroavante que sempre chamava o jogo para si. Para os desafetos, era o egoísta, o fominha. O certo é que, individualista ou não, Mirandinha não cansava de marcar gols – e foi convocado para a Copa América de 1987, disputando posição com Romário e Careca.

Mirandinha cada vez mais Mirandinha

DO MESMO MODO COMO ACREDITA EM CADA LANCE, O ARTILHEIRO PALMEIRENSE TINHA CERTEZA DE QUE VOLTARIA À SELEÇÃO

POR ARI BORGES

Surpresa, na última sexta-feira, Mirandinha teve apenas uma: o novo pacotão econômico do governo. O resto do dia, o atacante do Palmeiras manteve-se tranqüilo. Para ele, um outro pronunciamento que costuma provocar sobressaltos – a convocação da Seleção para a Copa América, que começa no final da próxima semana –, jamais o incomodou. "Eu dei certo lá", justifica. "Nunca me passou pela cabeça não ser chamado."

E foi, em mais uma prova da incrível auto-suficiência deste obstinado centroavante. Era ele contra todas as evidências e maus agouros. A própria imprensa paulista duvidava de sua chamada. Menos ele, que gostam de tachar de fominha, como o classificavam na excursão da Seleção à Europa, no mês passado. Até que veio um lance: o passe longo e preciso, em curva. Valdo recebe, deixa um zagueiro sentado e chuta. O Brasil mete 2 x 0 na Escócia, em Glasgow, e fatura a Copa Stanley Rous. Aqui, grudada na TV, a incrédula torcida se surpreendeu. Seria mesmo Mirandinha o autor daquele passe solidário e perfeito? Era.

Este outro Mirandinha, descoberto no Hampden Park, dia 26 de maio, na realidade existia há bem mais tempo. "Faltava apenas oportunidade para ele aparecer." A certeza é de Francisco Ernandi Lima da Silva, um cearense que no próximo dia 7 completa 28 anos. Há 12, quando estava no juvenil do Fortaleza, Ernandi transformou-se em Mirandinha – apelido nascido da semelhança de seu futebol com o do ex-centroavante do Corinthians e do São Paulo.

SILVIO PORTO

Metralhadora

"Na excursão da Seleção, o técnico Carlos Alberto Silva me deu mais liberdade. Sem ficar preso no meio da zaga, pude mostrar que sei também buscar jogo, tabelar e lançar." Ele admite ter mudado nestes tempos de Seleção. "Penso, me comporto e sou tratado de modo diferente", reflete. Apesar disso, reclama de perseguição. Considera que outros jogadores agem exatamente como ele e não são classificados de mesquinhos.

Mais que a responsabilidade de fazer gols, Mirandinha sofre urticárias só de pensar em transferir a emoção para alguém. "Escolhi a camisa 9: gol é minha sina." Gol. Essa palavrinha, no dicionário particular do atacante, significa vida. "Representa satisfação pessoal, sucesso profissional, dinheiro, futuro."

Por gostar tanto de balançar as redes, Mirandinha sempre viveu às voltas com reclamações de companheiros, técnicos e torcedores. O último quiproquó foi com Éder, no ano passado, bem na estréia do Palmeiras na Copa Brasil, contra o Santa Cruz. Depois de ter perdido uma chance, pediu desculpas ao ponta-esquerda. Éder não as aceitou: "Pô, você cansa de fazer besteira e ainda quer ser desculpado?"

Antes mesmo de ganhar o nome de guerra, o garoto Ernandi, segundo de oito irmãos, era pródigo encrenqueiro. Mirrado e arteiro, vivia arriscando-se com a turma do Lagamá – bairro mais pobre de Fortaleza – em furtivas incursões para recolher cajus e mangas em quintais alheios.

Mas o passatempo preferido, claro, era a bola. "Se não fossem me buscar, eu não comia, não estudava e não dormia", relembra. O dinheiro curto só dava mesmo para comprar bola de plástico. A falta de grana, por sinal, obrigou-o a se virar cedo na vida. O pai, "seu" Antônio Pereira, trabalhava como salineiro, atividade restrita ao verão. "A coisa piorava era no inverno, porque o velho ficava desempregado." Assim, Mirandinha e o irmão Evandro davam uma força nas salinas.

Com 14 anos, foi trabalhar como servente de pedreiro. Ficou um ano, até descobrir os semáforos da capital cearense. No começo, com um tubo de desodorante cheio de detergente, limpava pára-brisa. Mais tarde virou microempresário: "Comprava limão e uva no atacado e revendia nos cruzamentos", conta um Mirandinha orgulhoso da própria iniciativa.

Foi no Maguary, aos 16 anos, que ele começou sua história no futebol. Passagem curta. O clube acabou e ele tentou o Ceará, no qual ficou ao longo de 1975. No ano seguinte, estava no Fortaleza. Outro azar: quebrou o braço, foi dispensado. O recomeço aconteceu em 1977, no Ferroviário. Sem moleza: embora artilheiro do campeonato juvenil, com 22 gols, trabalhava no clube como roupeiro e servente de pedreiro em algumas obras.

Por isso vibrou quando a Ponte Preta foi buscá-lo. "Ué, lá não tem roupeiro?", desdenhou o presidente do Ferroviário, Chateaubriand Arraes. "Acho que não",

se — e quase foi atingido por um furador de papéis pelo cartola.

Não dava para continuar. A história de gols de Mirandinha prosseguiu no Palmeiras, no qual chegou no início do ano passado. "Foi aqui que conheci minha melhor fase", reconhece. Os 46 gols marcados provam. Foram eles que o levaram para a Seleção principal, o que a torcida palmeirense às vezes lamenta. Afinal, já se passou metade de 1987 e o único gol de Mirandinha no clube este ano aconteceu dia 5 de fevereiro, contra o Bahia, numa vitória de 1 x 0 no Morumbi.

Se lamenta pela torcida, ele não pretende deixar a Seleção tão cedo. "Posso parecer careta, mas encaro Seleção como a pátria de chuteiras", exalta. Nenhuma concorrência o assusta. Acha que a imprensa carioca faz lobby para Romário, e cutuca: "Ele é bom, mas quantos gols eu não teria marcado se não tivesse saído na partida contra a Finlândia e tivesse jogado em Israel?"

Careca, que já chamou Mirandinha de "falador", também não o intimida. "Não me considero inferior a ele", compara. "Além disso, sou mais goleador porque não cobro pênaltis, marco só com bola em jogo." Apenas num aspecto o palmeirense pode sentir uma pontinha de inveja do ex-são-paulino: a independência financeira numa transferência para o futebol europeu. Isso o empolga, apesar de ser hoje um homem razoavelmente estabilizado: tem casas, terrenos e uma pequena fazenda, espalhados em São João da Boa Vista, São Paulo e Fortaleza.

"Escolhi a camisa 9: gol é minha sina. Representa satisfação pessoal, sucesso profissional, dinheiro, futuro" MIRANDINHA

SERGIO BEREZOVSKY

Mirandinha: sede de gols era tão grande que chegou a causar brigas em todos os clubes que passou

respondeu Mirandinha. "Mas vou assim mesmo." A vingança do cartola ao tom desafiador foi não liberar seu passe. Nunca Mirandinha pôde assinar contrato com a Ponte. Só podia marcar gols. Foram cinco nas três partidas como júnior e mais dez no time de cima — era reserva de Dario e Jorge Campos.

As dificuldades legais com o passe foram resolvidas depois de três meses de auto-exílio em Fortaleza, forçando uma definição. Conseguiu. Em 1979, fez seu primeiro contrato profissional no Palmeiras, de São João da Boa Vista. Lá, foi campeão da Terceira Divisão paulista e artilheiro, com 21 gols. No ano seguinte, marcou 23 e foi eleito por PLACAR o melhor centroavante da Segunda Divisão. Ainda em São João, conheceu sua primeira mulher, mãe dos filhos Ernandez, 5 anos, e Diego, 3. Coincidência: Rosana, com quem vive há dois anos, também nasceu lá.

Vida cigana

Em 1980, Mirandinha partiu para o Rio de Janeiro. No Botafogo, consolidou a fama de artilheiro. O que não impediu a continuação de uma vida cigana. Náutico, 1982: "Foi só no Recife que passei a ganhar dinheiro". Ganhou também as primeiras chances na Seleção — Toulon, em 1983, e o Pré-Olímpico, em 1984. "Fui campeão nas duas", contabiliza. Portuguesa, 1984: o Canindé de bons e maus momentos. Chegou a ser emprestado para o Cruzeiro e depois para o Santos. Passou rápido pela Vila Belmiro. Participou apenas de uma excursão de trinta dias, fazendo nove partidas e quatorze gols. Um dia, pediu ao presidente Oswaldo Teixeira Duarte para ser vendido. "Eu gostaria de jogar num time grande", disse — e quase foi atingido por um furador de papéis pelo cartola.

Chutes em sonhos

Antes de tudo, porém, quer a consagração na Seleção. "E vai conseguir", afiança a mulher Rosana. Ela jura ter em casa um companheiro calmo, sonhador e carinhoso. Só reclama de uma coisa da vida comum — e não são os chutes que Mirandinha costuma dar enquanto dorme. É do egoísmo. "Ele não larga a TV para ninguém", protesta. "Passa o tempo todo vendo teipes dos jogos e de seus gols." ○

Na época com 47 anos, o gênio não abandonaria fora dos gramados o seu estilo silencioso. A vida, levada em um apartamento de classe média próximo ao Parque Antártica, ao lado da mulher, só não era mais pacata por conta dos cinco empregos que faziam o Rei do Palmeiras sair diariamente de casa.

"Só quero levar minha vidinha. Não tenho jeito para certas coisas"

Ademir da Guia
Divino demais para as sombras

O MAIOR CRAQUE PALMEIRENSE DE TODOS OS TEMPOS TENTA SE ESCONDER DO PASSADO, EM BUSCA DE UM ESQUECIMENTO PRÓXIMO DE SEU JEITO TÍMIDO. MAS CRIOU UM MITO ETERNO

POR KÁTIA PERIN

A sala pequena, de decoração simples e poucos objetos, parece o lugar ideal para o dono da casa repousar o corpo diante da TV, seu passatempo predileto. Assiste religiosamente a todos os jogos de futebol, horários esportivos, mas só de um programa, em especial, faz absoluta questão: a novela das 7. Diverte-se com os malabarismos dos personagens pela conquista do poder. Por mais que tente, no entanto, não consegue se enxergar nesse espelho em que todos lutam pela posse da coroa. Afinal, nunca precisou disputar um trono, que por unanimidade seus súditos sempre lhe ofereceram.

Tanto que recentemente, depois de seguir com atenção as últimas cenas de um capítulo, comentou com a mulher, num tom quase descrente: "Eu também gostaria de saber que rei sou eu".

A reação foi imediata: "Você é o Rei do Palmeiras"*. Mas nem a firme convicção da companheira abalou o ar sempre ausente nos olhos de Ademir da Guia, 47 anos, como se a majestade pouco representasse. Foram 17 anos de profissionalismo — 16 na Sociedade Esportiva Palmeiras, na qual virou ídolo de uma torcida que se acostumou a vê-lo como Divino, um dos craques mais completos de sua geração.

Doze anos depois de ter tirado, pela última vez, a camisa alviverde, Ademir continua o mesmo homem simples, de rosto meigo e olhar tímido, que não se impressiona com as glórias acumuladas em torno de seu nome ao longo do tempo. Pelo contrário, esforça-se para viver como o mais comum dos mortais, apesar de a história teimar em tê-lo como mito. "Só quero levar minha vidinha", diz mansamente, com as pontas dos dedos escondendo-lhe parte da boca. "Não tenho jeito para certas coisas". E, mesmo que elas sejam conseqüência de sua vida pública, ele faz o possível para evitá-las.

Dos quase vinte convites que recebe por mês para ser jurado em concursos de miss, jogar em time de veteranos ou marcar presença em alguma comemoração municipal, aceita, no máximo, três ou quatro. "Mesmo assim porque eu insisto", declara a segunda mulher, Sueli Botelho Chimello, 26 anos, com quem está casado desde 1984. "Por ele, ficaria trancado em casa, totalmente longe de tudo." E só não é exatamente assim porque Ademir ainda precisa trabalhar para manter o modesto padrão de vida ao qual se acostumou. "Se eu parasse, teria de vender alguns bens para sobreviver", analisa. "Aí eu chegaria aos 50 anos sem nada."

Então, para conservar o apartamento em que mora, no bairro de Perdizes, zona oeste de São Paulo, outro no Rio de Janeiro, onde reside o pai Domingos da Guia, um terreno de 2000 m², em Indaiatuba, interior paulista, e o carro Gol, ano 1982, Ademir se ocupa com seus cinco empregos. Dá aulas em duas escolinhas de futebol — no São Caetano Esporte Clube e no Esporte Clube Sírio —, é representante de vendas em duas empresas e ainda mantém sua carteira profissional assinada pelo Palmeiras, em que desempenha a função de olheiro. "Não acho justo uma pessoa como ele ter de passar por isso", analisa o ex-volante Dudu, 49 anos, que formou com Ademir a dupla mais famosa do Parque Antártica e hoje é técnico do Bandeirante, da Divisão Especial paulista. "Infelizmente, o país está ruim, até para os mitos."

Mas o verbo reclamar não faz parte do vocabulário de Ademir. Sempre sereno, prefere a idéia de ainda ser útil à sociedade. "Gosto de trabalhar", avalia. "Principalmente com crianças. É uma forma de ficar perto do futebol sem enfrentar certas responsabilidades."

Ao mesmo tempo que abomina a idéia de competir — motivo que o afastou da Seleção Brasileira de Seniores —, Ademir encontrou, em meio à garotada de 9 a 14 anos, o lugar ideal para aconchegar sua personalidade sem malícia. "Em dez meses que está aqui, nunca o ouvi gritando", comenta Josival Silva, 46 anos, presidente do São Caetano. "Nem com os mais capetas."

Com isso, o clube aumentou cinco vezes o número de inscritos para os cursos. Também por culpa dos pais, que, orgulhosos, arrastam seus filhos pelas mãos para conhecer Ademir da Guia, "aquele que foi o maior jogador do Palmeiras", dizem sempre. E se empurram os meninos, que geralmente ainda não viram o time ser campeão, é porque no fundo desejam mesmo apertar, eles próprios, a mão do ídolo. "Gosto muito disso", admite Ademir, com os olhos baixos e constrangido, como se fosse impossível se acostumar com a idéia de ser admirado. "Em quase vinte anos de amizade eu ainda não consegui entendê-lo", comenta o ex-meia Leivinha, hoje com 39 anos. "Tem um carisma tão grande que até como vendedor deu certo", diverte-se.

A surpresa do amigo que trabalha a seu lado na empresa Cyrus, de formulários contínuos, é a mesma de todos que o conhecem mais de perto. Ademir não tem o menor talento para vender qualquer coisa. Mas isso não importa. Basta sua figura magra, alta, de cabelos crespos e quase brancos visitar um cliente que o negócio já está feito. "Minha sorte é que não preciso convencer o freguês", admite. "Converso um pouco sobre futebol; se o comprador for palmeirense, ele encomendará o dobro." Sua vantagem, no entanto, é enfeitiçar igualmente corintianos, são-paulinos e santistas. "Quando ele aparece aqui, a seção pára", comenta o alviverde Gabriel Luft, 35 anos, chefe do setor de compras na Companhia Energética de São Paulo (CESP). "Mais dá autógrafos do que trabalha."

"Em quase vinte anos de amizade eu ainda não consegui entendê-lo (...) Tem um carisma tão grande que até como vendedor deu certo"

LEIVINHA, EX-COMPANHEIRO DE ADEMIR NO VERDÃO

Não fosse o assédio dos fãs, Ademir estaria bem mais perto de seu ideal de vida. Uma pacata rotina de assistir à televisão, visitar alguns parentes, trabalhar e até pegar ônibus. "É bem mais fácil que estacionar o carro", explica. Como é mais simples também ver alguns raros jogos do Palmeiras no Parque Antártica sempre tendo o cuidado de chegar com a partida em andamento e sair 5 minutos antes de terminar. E principalmente detesta a idéia de virar o centro das atenções, ter de dar autógrafos a alguns e não a todos que sempre o cercam. "Para evitar problemas, ou criar inimizades, sou capaz de qualquer coisa." Até de participar, sem muita vontade, dos joguinhos promovidos, toda quinta-feira à noite, pela empresa, entre vendedores e compradores. "Às vezes, está frio, mas os amigos insistem e eu acabo indo", conta com toda simplicidade.

Na opinião da primeira mulher, Ximena Amaral da Guia, 40 anos, com quem Ademir viveu de 1967 a 1983 e teve dois filhos, Mirna, 20, e Namir, 19, seu grande problema é justamente a humildade exagerada. "Ele é uma pessoa muito especial", descreve. "Se tivesse dado a si mesmo o devido valor, sua história seria outra." Até mesmo na Seleção Brasileira, como gosta de salientar seu filho caçula, que chegou a se aventurar no juvenil do Palmeiras. "Nunca deveria ter dito a Zagalo que não estava 100% para aquele jogo contra a Polônia, em 1974", analisa. "Quis ser honesto e se deu mal." Por isso foi substituído no intervalo e não completou sua única partida em Copas do Mundo. De qualquer forma, Namir admite que seu interesse pelo futebol foi apenas uma mostra da admiração que sente pelo pai. "Quando era pequeno, queria ser um ídolo como ele", lembra. "Depois percebi que não tinha condições. Só treinava no clube porque era filho de Ademir." Então abandonou o esporte para se dedicar aos estudos.

No seu jeito sempre terno, Ademir hoje se considera um homem realizado. Mesmo tendo encerrado a carreira de maneira brusca, aos 35 anos, por causa de problemas respiratórios, numa de suas melhores fases. "Se não fosse pela saúde, talvez tivesse continuado no futebol como técnico", imagina. Uma possibilidade que ainda não descartou totalmente. "Só se for uma proposta irrecusável", avisa. "Se eu puder ficar fora, será melhor."

De sedutor mesmo, apenas o convite para abrir uma escolinha em sociedade com os amigos, no bairro onde mora — nos moldes da que já possuiu em Avaré, 258 km de São Paulo, desde 1987. Único plano capaz de lhe arrancar um daqueles sorrisos esperançosos. Em toda a sua docilidade, que o transformou em Divino, gênio e Rei do Palmeiras, Ademir é o primeiro a reconhecer: "É, prefiro mesmo as crianças. Elas são mais simples e não me cobram nada".

* Títulos de Ademir da Guia no Palmeiras: Pentacampeão paulista (1963, 66, 72, 74 e 76); bicampeão brasileiro (1972 e 73); tricampeão do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1965, 67 e 69); campeão da Taça Brasil (1967) e tricampeão do Torneio Ramón de Carranza na Espanha (1969, 74 e 75).

Ele falava demais, mas também jogava demais. Roberto Carlos ocupou uma lacuna na lateral esquerda do Palmeiras que não era preenchida desde a saída de Pedrinho, em 1982. O chute forte, a saúde de ferro e as declarações polêmicas foram as suas marcas registradas.

O super-homem do futebol

ESTÁTICO, ELE PARECE UMA ESTÁTUA GREGA COM SUA MUSCULATURA DE FISICULTURISTA. MAS BASTA ENTRAR EM CAMPO PARA SURGIR A MÁQUINA

POR SÉRGIO RUIZ LUZ

Ao ser perguntado sobre qual parte de seu corpo mais gosta, o lateral Roberto Carlos, 22 anos, não pensa duas vezes. "Adoro minhas coxas", diz o jogador, que tem na ponta da língua a circunferência exata desse pedaço da anatomia: 38,5 centímetros em cada perna. E ele é capaz de ficar um bom tempo admirando fotos das tais coxas, que além de objeto de seu fetiche, de quebra ainda funcionam — e como! — trabalhando como alavancas responsáveis pela força de seus petardos. São bombas de 113 quilômetros horários. "Trata-se de um atleta fora-de-série, com a maior explosão muscular que eu já vi", garante Turíbio Leite, um dos fisiologistas mais conceituados do país. "Ele alia uma velocidade incrível a um controle motor perfeito."

Na prática, são grandes os estragos que esse feixe de músculos pode causar. "Quando a bola bate, não dá para respirar, fica tudo embaçado", lembra o lateral André Santos, do Corinthians, que foi nocauteado no segundo jogo das finais do Paulistão por uma bolada de Roberto Carlos. Outra de suas vítimas foi um bêbado que insistia em atrapalhar uma pelada no sítio do atacante Evair, em Pouso Alegre (MG), há dois anos. O cantor Chitãozinho, um dos grandes amigos do lateral e presente à festa, relembra o momento. "O cara estava enchendo o saco e ninguém tinha idéia de como tirá-lo do campo, conta. "Até que o Roberto, de propósito, encheu o pé e acertou a cabeça do cara, que sumiu cambaleando."

Quando ouve essas histórias, o novo craque da Inter de Milão mostra um sorriso. "Nunca desejei acertar ninguém, mas é bom sair da frente", alerta. Esse indisfarçável orgulho transbordou em uma recente festa em sua homenagem na Limelight, uma das danceterias mais badaladas de São Paulo. Em meio à agitação, Roberto passou um bom tempo incomunicável, com os olhos fixos num telão que exibia seus gols. "Gente, é bonito demais!", exclamava.

Essa vaidade, que ele não assume ("Apenas me cuido, sem exageros"), já o fez passar por maus bocados. Em 1991, quando era apenas um promissor lateral do União São João, em Araras, no interior paulista, ele passou por um de seus maiores apuros financeiros. Comprou de uma tacada só um Escort conversível para desfilar pela cidade e renovou o guarda-roupa com um belo estoque de shorts curtos de lycra e uma série de camisetas brancas. Ingênuo, imaginava que o limite de seu cheque especial (1 milhão ele cruzeiros na época) era uma espécie ele prêmio conferido pelo Banco do Brasil, e não um empréstimo. Quando percebeu o rombo, foi obrigado a vender o carro e uma moto CB 400 para saldar a dívida. Durante um bom tempo, usou um carro emprestado por uma ex-namorada para ir aos treinos. O dinheiro para tomar sorvete vinha da mesma fonte.

FOTOS NELSON COELHO

Hoje, as coisas mudaram. Depois de sua transferência para a Inter de Milão, um negócio de 7 milhões de dólares, a maior transação já registrada no futebol brasileiro, o craque tem cacife suficiente para bancar seus gostos pessoais. Antes de embarcar rumo à Itália, ao visitar a sogra em São Paulo, Roberto Carlos passou três vezes na frente de uma agência de carros, tudo por causa de um reluzente Mercedes prata exposto. "Um dia, vai ser meu", confidenciou à família. Ninguém duvidou. Roberto troca tanto de carro que, às vezes, nem se dá ao trabalho de registrá-lo em seu nome. "Quando alguém vem me encher, digo: 'Você não tem o que fazer? Vai trabalhar, vai, pois enquanto isso vou lá na esquina comprar um automóvel importado'." Para o garoto que nasceu numa fazenda em Garça, no interior paulista (ou na roça, como gosta ele lembrar), foi um salto e tanto. "Nasci virado para a Lua", brinca o jogador.

Tudo parece dar certo para ele. Em dois anos de Palmeiras, acumulou vitórias —

Roberto Carlos decola contra o Corinthians: foram cinco títulos importantes em apenas dois anos de Palmeiras. O maior rival não teve vez neste período

foi bicampeão paulista e brasileiro — e deixou dois desafetos. O capitão da equipe, Antônio Carlos, é um deles. Às vésperas do segundo jogo decisivo do último Paulistão, o zagueiro deu entrevistas detonando o lateral, já bastante criticado pela torcida por ter perdido um pênalti na primeira partida. "Está com a cabeça na Itália, nem deveria ser escalado", sentenciou. Roberto Carlos, político, diz que não teve problemas com o ex-companheiro. "Nem vou comentar o que ele falou", afirma. "Também não vou comparar a diferença de preço entre nossas transferências, os clubes envolvidos e o tempo de permanência no exterior." Antônio Carlos, como se sabe, foi vendido em 1992 para o pequeno Albacete, da Espanha, por 1,6 milhão de dólares, e chegou a ficar na reserva do time, para retornar ao Brasil cinco meses após sua ida.

O técnico Vanderlei Luxemburgo é outro de quem o lateral não guarda boas lembranças dos tempos de Palmeiras. Nesse caso, a desavença ocorreu durante o Brasileiro do ano passado, quando o técnico deixou o jogador no banco durante uma partida contra o Paysandu. "Ele gosta de aparecer e naquele dia resolveu fazer isso em cima de mim para mostrar autoridade", lembra-se Roberto Carlos. "Foi bom isso acontecer para eu saber que as pessoas não são tão amigas quanto aparentam", lembra-se Roberto Carlos.

Em Cordeirópolis, cidade onde passou a infância, o assunto do dia é como ele, uma das maiores personalidades do local (a outra é o apresentador da Globo Léo Batista) mudou com a chegada da fama. A família do lateral anda intrigada com o fato de ele ter registrado em seu nome a casa comprada para os pais com parte do dinheiro da transferência. "Quanto mais eu tiver no meu nome, melhor para pagar imposto", tentou justificar-se, sem convencer ninguém. Desde sua estréia no campeonato italiano, todos esses assuntos parecem menores diante da vontade de fazer fama na Europa e ficar por lá pelo menos seis anos. "Quando matar uma bola de letra e cobrar uma falta certeira, a torcida não irá resistir", entusiasma-se. ○

Foi um caso de amor e ódio. Ele chegou idolatrado, em 1993, vindo do Vasco, na mais cara transação entre clubes brasileiros na época. Chegou jurando amor, saiu dois anos depois cuspindo ódio. Mas o palmeirense não esquece seus dribles, gols, títulos, tapas...

Edmundo passa pelo corintiano Ronaldo: ele ajudou (e como!) o Verdão a sair da fila

Fera em transe

CAMPEÃO DO PAVIO CURTO, EDMUNDO CANSOU DO RÓTULO DE BAD BOY. O CRAQUE PALMEIRENSE AGORA SÓ QUER UM POUCO DE COMPREENSÃO

POR SÉRGIO XAVIER FILHO

O processo todo não dura mais do que milésimos de segundo. Adrenalina no pico, o conjunto de neurônios recebe a informação em espanhol. "Edmundo, que pasó?". Como um relâmpago, a carga elétrica sai do cérebro, passa por uma espécie de conduíte para a coluna cervical, vai para a dorsal, lombar e a coluna sacra até chegar às fibras musculares das pernas e braços. Toda essa instantânea reação neurológica com seu desdobramento físico foi vista pelos brasileiros, via satélite. Depois de perder um pênalti e ver seu Palmeiras levar 1 x 0 do fraco Nacional, do Equador, Edmundo Alves de Souza Neto empurrou o repórter da tevê local que insistia em arrancar alguma frase do atacante e chutou a câmara do cinegrafista. O ato reflexo do maior craque brasileiro na atualidade custou quase 80 horas de detenção em um quarto de hotel em Guaiaquil, tempo suficiente para perceber que era chegada a hora de mudar.

As mesmas cargas elétricas que transformam o boa-praça Edmundo em um pequeno selvagem fazem dele o maior craque brasileiro em atividade. Além da ilimitada habilidade com a bola, da condição física naturalmente excelente e da explosão das arrancadas, o craque pensa rápido. Os mesmos milésimos de segundo que leva para processar alguma hostilidade e decidir revidar com uma agressão são suficientes para bolar um drible inusitado dentro da área. "Fantasia, fantasia. Ele é dos poucos jogadores capazes de transformar o futebol em fantasia", derrete-se o italiano Gianni Grisendi, presidente da Parmalat, a empresa que é dona de seu passe.

Mas o genial e genioso atacante continua sendo uma incógnita do tamanho exato de seu talento. Será Edmundo realmente maluco? Pode alguém com um passado tão rico em confusões se regenerar? O que, de fato, passa por sua cabeça durante o jogo? São todas perguntas complexas demais, ainda mais quando se trata de um garoto de 23 anos. "Dizem que sou bandido, marginal, nascido em favela e se esquecem que sou um garoto e preciso de carinho", diz um magoado Edmundo.

O fato é que amigos, colegas, terapeutas e até desafetos estão de acordo com alguns aspectos da personalidade do menino da periferia do Rio de Janeiro que dormiu pobre e acordou rico. Em primeiro lugar, Edmundo é o garoto carinhoso com os amigos e família, totalmente equilibrado fora dos gramados e que se caracteriza pela sinceridade em qualquer situação. O segundo consenso é quanto à impaciência do craque toda a vez que está sob pressão. "Ele tem pavio curto. Já disse que precisa contar até dez, mas ele nem começa a contagem", diz a sogra Maria Teresa Sorrentino, que foi sua professora na primeira escola do jogador, em Niterói. De fato. Ele já chutou adversários deitados, xingou treinadores, saiu no tapa com companheiros no vestiário, conferiu o barbeado de sua excelência, o juiz da partida.

O ilimitado talento, no entanto, teima em acompanhá-lo mesmo nos momentos mais dramáticos. O episódio equatoriano aconteceu simultaneamente à fase mais produtiva de sua carreira. Edmundo destruiu o Grêmio na estréia do Palmeiras na Libertadores em noite de Garrincha. Foi dele o gol da vitória nos 3 x 2, mas naquela partida o animal transformou, acima de tudo, o futebol em fantasia.

A exuberante fase de Edmundo tem muito a ver com o atual técnico do Palmeiras, Valdyr Espinosa. Logo que assumiu o time no início do ano, determinou que o atacante precisava jogar solto, sem preocupações com marcação. Mais do que um grande tático, Espinosa é um craque no gramado da Psicologia. "Trata-se de uma pessoa sensível que necessita de atenção e muita conversa", ensina Espinosa. "Mas não adiantaram longos papos. O Edmundo rende melhor com conversas curtas e freqüentes."

A chave do sistema Espinosa de tratamento de craques-problema é a confiança. No último carnaval, Edmundo passou a folga no litoral norte do Rio e atrasou a reapresentação em dois dias. O clima estava criado e a imprensa sugeria algum tipo de punição ou multa.

O técnico esperou a volta do jogador, ouviu a explicação de que o atraso se devia a congestionamento da estrada a uma forte gripe e deixou o dito pelo não dito. "Preferi simplesmente acreditar nele apesar da turma querer sangue", brinca. No jogo seguinte, o agradecido Edmundo marcou o gol e foi correndo abraçar o treinador.

"Dizem que sou bandido, marginal, nascido em favela e se esquecem que sou um garoto e preciso de carinho" EDMUNDO

Nem mesmo os amigos do peito negam que Edmundo fez, faz e provavelmente ainda fará uma série de bobagens em sua carreira. "A diferença é que hoje quando ele erra, já diz na hora 'poxa, que vacilo'", diz o amigo e astro global Eri Johnson.

"Quanto mais carinho derem a ele, melhor será o seu rendimento", garante o homem que o descobriu no Vasco e atual supervisor do Flamengo, Paulo Angioni. A opinião é compartilhada pelo psicoterapeuta paulista José Angelo Gaiarsa. Para ele, a história sofrida da infância de Edmundo gerou uma rebeldia que, tratada com agressividade, se transforma em raiva. "Esse rapaz é como uma criança superdotada. Está acima da média e jamais poderá ser tratado com os outros sob pena de virar um marginal inteligente."

Apesar de ser, para muitos, apenas um marginal, Edmundo é um vencedor. Com três anos de carreira, foi campeão carioca, duas vezes paulista e conquistou outros dois títulos brasileiros. Não foi convocado para a Copa do Mundo, embora já esteja nos planos futuros do técnico Mário Zagalo. No Palmeiras, tornou-se imprescindível depois que o clube negociou em uma só tacada Evair, Zinho e César Sampaio para o futebol japonês. "Tinha conselheiro que queria aproveitar a vontade dele de ir para o exterior para vendê-lo no início do ano", conta um dirigente palmeirense, satisfeito com o surto de bom senso no Parque Antártica que impediu a saída do craque. Ele tornou-se essencial até mesmo no grupo de jogadores onde colecionou inimizades na mesma proporção dos autógrafos que distribui na porta do clube. Depois do atraso na reapresentação do carnaval, a diretoria do Palmeiras consultou o capitão e o maior desafeto, Antônio Carlos sobre como agir no caso. Apesar de já ter levado bofetões de Edmundo e odiar o seu individualismo, o zagueiro recomendou a tática do pano quente. "Deixa pra lá, vamos pensar apenas no próximo jogo", respondeu ao dirigente. De certa maneira, o Edmundo de hoje conquistou seu espaço entre os jogadores assumindo a responsabilidade das partidas e, é claro, decidindo as paradas mais difíceis. Marcou também pontos importantes nos últimos tempos fazendo firulas no campo do humor.

No final do ano passado, o Palmeiras foi a Porto Alegre enfrentar o Internacional e Edmundo acabou ficando no mesmo quarto do garoto Fred, um atleta de Cristo que não gasta mais do que alguns monossílabos para se comunicar. Telefone na mão, Edmundo deu a saída em um diálogo imaginário. "Isso, quero quatro mulheres. Louras sim. O meu amigo? Ele é bonitinho, sim. É, mas eu estou pagando. Ok, 22 horas está bom", disse. O assustado e na época virgem jogador não conseguiu esboçar reação.

No jantar, Zinho entrou também em campo já orientado pelo "técnico" Edmundo. Sentou na mesma mesa e ouviu junto com Fred a preleção. "São quatro meninas para nós três, mas não tem essa de ficar com uma só. A idéia é folia pura", explicou Edmundo. O martírio durou horas enquanto o encabulado atleta de Cristo implorou a Zinho uma troca de quarto para não participar da orgia e escapar assim das chamas do inferno. O animal tinha aprontado mais uma. ○

DANIEL AUGUSTO

Comemorando mais um título: no Palmeiras, ele foi bicampeão paulista e brasileiro

Folclórico. Carismático. Amaral nunca foi um craque de encher os olhos, mas ficou na memória dos palmeirenses por seu amor ao clube, esforço e superação. Quem diria que aquele garoto mirrado e peladeiro seria titular de um dos maiores Verdões de todos os tempos e chegaria à Seleção?

PISCO DEL GAISO

Quem vê cara...

À PRIMEIRA VISTA, AMARAL ASSUSTA COM SEU JOGO DURO. MAS, NO FUNDO, ELE É UM GAROTÃO, PRONTO PARA FALAR BESTEIRAS E SE DIVERTIR, MESMO COM O PASSADO TRÁGICO

POR AMAURI SEGALLA

Titular da Seleção Olímpica, dono do meio-campo do Palmeiras, desencanado de tudo e sempre alegre, Amaral por pouco não estaria aqui — no mundo dos vivos. Numa manhã de 1977, a mãe dele, dona Rosária Aparecida Mariano, subiu na ponte que atravessa o Rio Capivari, pegou o filho único de 4 anos no colo e olhou para baixo. A morte estava a um passo. Antes de pular, ela observou bem o garoto. Ele tinha o olho direito estranhamente caído. Era uma figura diferente, engraçada até. O rostinho encheu dona Rosária de esperança, e ela desistiu do suicídio.

Qualquer outro contaria essa história com lágrimas nos olhos. Amaral, não. Cabeça-de-vento como é, ele não dá o menor sinal de tristeza. Na sua lógica, a vida tem que ser alegre. Dona Rosária fora abandonada pelo marido alcoólatra, expulsa de casa por falta de pagamento do aluguel, estava sem emprego e com um filho pequeno para criar. Mais um pouco e Amaral estaria contando piadas para São Pedro. Depois, Rosária conseguiu emprego de doméstica e ela e o filho passaram a morar no porão de uma casa. Não havia luz e água. Nem banheiro. Amaral reclama do passado miserável? "Nem penso nisso. As únicas coisas que tento fazer da vida é jogar bola e ser feliz", afirma. Alexandre da Silva Mariano, 23 anos, é uma das figuras mais divertidas do futebol.

Boa gente, simples como poucos, esse rapaz de Capivari, cidade com 60 000 habitantes a 140 quilômetros de São Paulo, foi longe. "Até ontem eu estava lutando para ganhar uns trocados", conta. "Nunca passou pela minha cabeça chegar à Seleção, ficar famoso e dar entrevista a toda hora." Todo esse assédio se deve a dois motivos. Amaral tem uma resistência física acima da média, o que lhe garante fôlego para fungar o tempo todo no cangote dos adversários. Isso é raça e dedicação, e a torcida adora. O outro motivo é que ele é dono de uma personalidade incomum. Sua vida sempre foi marcada por situações meio irreais que parecem ter saído de uma crônica de Nélson Rodrigues. Junte-se a isso a pálpebra direita caída, o sorriso de comercial de pasta de dentes, os lábios grossos de tanto gostar de chupeta — Amaral só largou a mamadeira aos 13

anos e, ainda hoje, segundo sua mãe, movimenta os lábios enquanto dorme como se estivesse sugando alguma coisa — e teremos uma figura realmente cativante. "Quando ele foi para o Pré-Olímpico, todo mundo no Palmeiras sentiu falta daquele alto astral", elogia o meia Rivaldo.

Amaral adora contar "causos" dos tempo em que trabalhava em Capivari como engraxate, catador de papelão, ajudante de cantina de escola, pregador de botão em calcinha infantil e aspirante a jogador de futebol. Claro, o emprego mais marcante foi o de agente funerário. "Ele ficou uns quatro anos entregando boletos de pagamento e ajudando a preparar os corpos", diz Alcides do Carmo Burckarte, o Juninho, dono da Funerária São João.

Todo mundo já ouviu ou leu em algum lugar a história da mão decepada que Amaral lavou para retirada da impressão digital ou o caso do cavalete do caixão que se soltou e fez o braço do defunto cair sobre seu corpo. ("Saí correndo, sei lá se o bicho levanta e vem atrás de mim.") Mesmo quando lembra o dia em que arrumou o próprio pai, preparando o corpo dentro do caixão, Amaral também não é dramático.

"Morreu, tem que enterrar." Seu João Bento Mariano trocou a família por doses cavalares de pinga e sucumbiu a uma cirrose hepática. Não há ressentimento nas palavras de Amaral. Ele é desligado mesmo. Apesar do seu nome ser Alexandre da Silva Mariano, todos em Capivari passaram a chamá-lo de Amaral pela semelhança física com o zagueiro homônimo do Corinthians dos anos 70. Mas o Amaral do Palmeiras não sabia que sua alcunha era uma homenagem. As frases estapafúrdias também viraram marca registrada. A mais notória — "a esperança é a única que morre" — foi proferida depois de o Palmeiras estar quase eliminado do Campeonato Brasileiro de 1995. Mas ele vai despejando outras durante o bate-papo. "Eu até gostava do Michael Jackson, mas depois que ele pintou o corpo de branco...". Ao ver um avião passar no céu, comenta: "Poxa, como é que um bicho desse pode subir?" Atleta de Cristo menos fanático que outros jogadores, Amaral não é um santo completo. Tempos atrás, ele freqüentava a vida noturna de São Paulo junto com o ex-palmeirense Edílson. Essa figura até certo ponto frágil desaparece dentro de campo. "Eu não queria ter um Amaral me marcando", admite Flávio Conceição, o outro volante palmeirense. Titular do time que vai disputar a Olimpíada, é impossível esperar dele a liderança que Dunga exibia na Seleção, apesar do mesmo vigor físico e, em certos casos, da mesma violência. "Além de tudo, o Dunga é mais técnico", compara Vanderlei Luxemburgo, técnico do Palmeiras. Amaral não dá a mínima para esses litígios mundanos. "Disputar a Olimpíada já é um marco na minha vida", explica o volante. "O resto eu deixo rolar."

Isso não significa que Amaral é um otário à solta. No passado, os tios escondiam a comida da geladeira quando recebiam a visita daquele moleque pobretão. Hoje, os mesmos parentes procuram o ídolo de futebol em busca de um dinheirinho. Começaram pedindo 100 reais para levar o filho ao médico. Antes, Amaral dava. Mas agora parou. "Tem gente que me procura para pedir, pedir, pedir, nunca para conversar", reclama. Depois de dois anos como titular do Palmeiras, salário de 12 000 reais, BMW 325 na garagem, duas casas e um apartamento em Capivari, fica difícil controlar a pressão.

"Eu até gostava do Michael Jackson, mas depois que ele pintou o corpo de branco..."

AMARAL, E UMA DE SUAS FAMOSAS PÉROLAS

"Sempre falei para ele tomar cuidado e não se deixar explorar", diz o volante César Sampaio, atualmente no Japão, conselheiro desde os tempos em que os dois jogavam juntos no Palmeiras. As mulheres são um capítulo à parte na vida dele. Amaral conheceu a atual namorada, Juliana Takemura, há dez meses, num desfile de modelos. Foi Juliana quem passou a primeira cantada, enquanto ele saboreava um pratão de frango assado. Elisa Aparecida Serra, uma mulata de 22 anos, foi a primeira namorada oficial do jogador. Ela deu à luz no último dia 2 de abril a Larissa Melanie Serra, uma bonita menininha que a mãe garante ser filha dele. Amaral anda indeciso. Ele diz que está deixando a história a cargo dos seus advogados, mas não existe advogado nenhum. Ele simplesmente não sabe o que fazer. O amigo Dirceu Forti, diretor de uma fábrica de calcinhas plásticas em Capivari onde Amaral trabalhou, entrega o jogo. "No dia da partida da Seleção contra Gana, ele me ligou dizendo: 'vou ser pai, vou ser pai'", conta o ex-chefe. O primo e compadre Osmir Ferraz, também de Capivari, tem opinião formada sobre Elisa. "Ela quis engravidar só para pegar o dinheiro", acusa.

Quem conhece bem o jogador sabe que ele vai encontrar uma saída para o caso ao seu jeito — sem ressentimentos ou mesmo grandes preocupações. Amaral é assim, como ele mesmo explica. "Olha, quando eu era pequeno não me deixavam entrar nos clubes chiques de Capivari", lembra o volante. "Hoje eles me convidam e eu vou numa boa. O importante é curtir a vida." ■

PISCO DEL GAISO

Esbanjando vontade, observado por Djalminha e Flávio Conceição: Amaral é o típico carregador de piano

Poucos incorporaram tão bem o perfil craque-bad boy como ele. Djalminha sempre fez misérias, dentro e fora do campo. Malandro, que faz o show, apronta das suas, e se dá bem no final, talvez seja a melhor definição para esse rebelde brilhante da bola.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Comemorando um de seus gols pelo inesquecível Palmeiras de 96: existe craque mais virtuoso que ele?

Todas as caras do malandro

COM HABILIDADE E MUITA MANHA, O PALMEIRENSE DJALMINHA DÁ A VOLTA NOS ADVERSÁRIOS E É ELEITO O MELHOR JOGADOR DO BRASILEIRÃO-96

POR PAULO VINÍCIUS COELHO

Nos últimos anos, o torcedor acostumou-se com uma divisão bem clara entre os jogadores. Existem os boleiros de fala mansa, que não bebem, não fumam e, em muitos casos, também não jogam. Por sua vez, os bandidos, representados pela figura nervosa do atacante Edmundo, armam confusão em campo, criam polêmica fora dele e sempre estão levando lambadas dos dirigentes, da imprensa e da torcida. Aos 26 anos, o meia Djalminha, do Palmeiras, leva a Bola de Ouro de PLACAR como melhor jogador do último Campeonato Brasileiro e, ao mesmo tempo, revive um tipo de jogador há muito distante dos gramados. Nem mocinho, nem bad boy, Djalma Feitosa Dias é o malandro, que faz o show, apronta das suas e se dá bem no final.

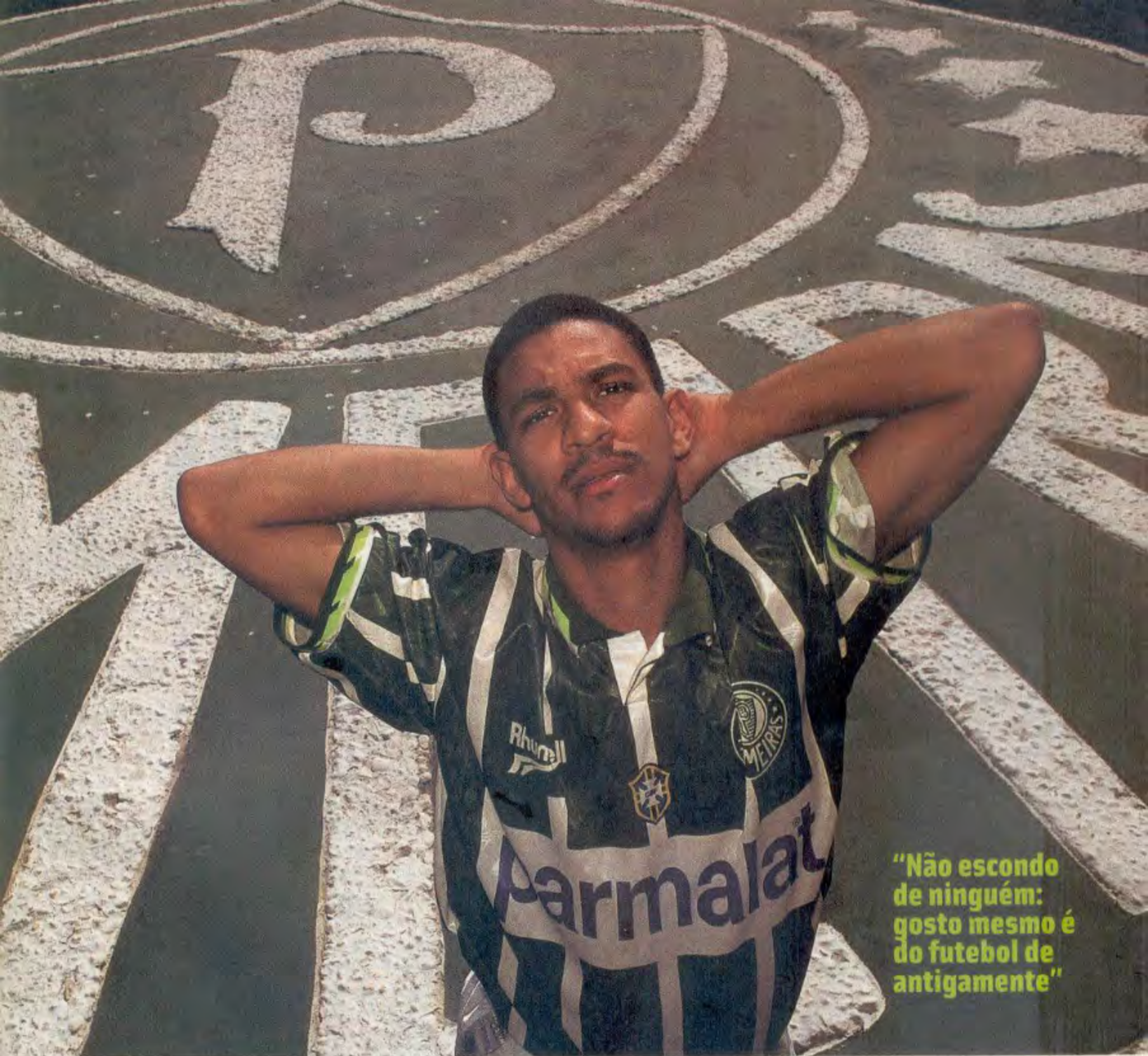
O bom "malaco" faz assim: no clássico contra o São Paulo, em setembro, Djalminha partiu de repente para cima do goleiro Zetti, fazendo o lateral André, de costas para o lance, imaginar que se tratava de uma chance clara de gol. O são-paulino puxou o meia pelo braço e cometeu um pênalti infantil. "Contra o Cruzeiro, ele usou malícia de boleiro e o técnico Luxemburgo não conseguiu substituí-lo", lembra o ex-centroavante César Maluco, que conhece Djalminha desde os tempos em que aquele garotinho acompanhava o paizão e zagueiro Djalma Dias nas peladas de fim-de-semana. "Naquela partida, o cara perguntou 'surpreso' se seria trocado e jogou a torcida contra o treinador, que não o tirou de campo."

Essas foram fáceis. Djalminha desenvolveu outra capacidade, bem mais trabalhosa: livrar-se dos problemas que ele mesmo cria. Aqui é o ponto em que os Romários e os Edmundos tropeçam feio. No Brasileiro, Djalminha saiu de campo sob protesto do zagueiro Marcão, do Bragantino, que o acusava de desrespeito. Como os salários do Braga estavam atrasados, Djalminha tripudiou legal: "Com a bolinha que você está jogando, vai morrer de fome mesmo". No dia seguinte, quando todo mundo já esperava o desmentido tradicional, Djalminha confirmou tudo. "Aprendi desde cedo a assumir o que faço", justificou. Saiu da entrevista ovacionado pela torcida como homem de caráter.

O fato de ter humilhado um colega de profissão acabou relegado a segundo plano. Mês passado, inventou de mexer com a namorada de um sujeito, que lhe acertou um murro na cara. Outra vez não negou a história.

O jeito matreiro do Bola de Ouro foi formado na convivência com a velha guarda do futebol. Djalminha começou a trilhar o caminho do pai acompanhando os jogos do Milionários, time de veteranos que reunia gente como César Maluco, Djalma Santos, Edu e Garrincha. "Eu olhava tudo o que eles faziam", recorda. "Naquela época, só queria saber de futebol." Por isso, prestava atenção em cada detalhe. Da melhor maneira de bater na bola até o tempo exato de dar o bote no zagueiro.

A observação lhe deu a técnica. Em 1987, aos 16 anos, foi convidado para completar um treino da Seleção de Masters, onde jogava seu pai. No meio das feras, foi o destaque do jogo ofuscando até a estrela maior do time: Pelé. "A gente tinha certeza de que ele ia virar craque", garante o ex-ponta-esquerda Edu, titular do Santos nos anos 60.

A história de "vai virar craque" foi se prolongando e, depois de fazer parte de uma geração de ouro nos Juniores do Flamengo, Djalminha começou a brigar com a pecha de eterna promessa. Foi pa-

"Não escondo de ninguém: gosto mesmo é do futebol de antigamente"

ra o Guarani, voltou para a Gávea. Daqueles tempos, ficou a lembrança das noites de balada com o amigo e hoje ídolo do Grêmio, Paulo Nunes. As festas começavam em boates como o Resumo da Ópera, na Lagoa. Muitas vezes, prosseguiam animadas na casa do centroavante Gaúcho, espécie de irmão mais velho da dupla. Certa vez, Djalminha e Paulo Nunes subiram no palco de uma casa noturna e deram um show completo de dança baiana.

Durante o dia, a dupla podia ser vista com freqüência nos bastidores do Xou da Xuxa – e não era para se divertir com as brincadeiras do programa. Djalminha e Paulo Nunes estavam atrás da dupla de paquitas Roberta e Mariana. Antes que comecem as maledicências, os dois craques estão muito bem casados hoje e paquita para eles só na televisão.

Aquelas noitadas não causaram problema a Djalminha porque ele nunca bancou o "mané". Treinava e não brigava com os companheiros. Quer dizer, menos com um: Renato Gaúcho. Num Fla-Flu, em 1993, quase saiu no braço com o atacante, ao reclamar de uma substituição. Dessa vez, o malandro aprendeu o que era brigar com um profissional do ramo. Por pressão de Renato, o desafeto foi dispensado. Djalminha teve uma estada relâmpago de seis meses no Shimizu, do Japão, antes de reaparecer no Guarani.

A insolência de escolher sempre o drible mais humilhante, os passes de efeito estavam lá e logo chamaram a atenção do Palmeiras. Ganhou o título paulista de 1996, com um time inesquecível, e driblou a implicância do técnico Vanderlei Luxemburgo, que fez dele o armador da equipe. "Não estou aqui para saber se o que um treinador me pede é certo ou errado", despista. "Mas não escondo de ninguém. Gosto mesmo é do futebol de antigamente."

O futebol que aprendeu com César, Edu, Garrincha e seu pai, enquanto os outros meninos estavam nas escolinhas; o futebol do tempo em que, dentro de campo, o malandro era rei.

Ele chegou do Grêmio sob olhares desconfiados. Lateral paraguaio? Aos poucos, porém, Arce mostrou ser o melhor do país. Suas cobranças de faltas e escanteios são letais. Seu espírito de liderança, invejável. Sem alarde, ele escreveu seu nome na galeria dos palmeirenses imortais.

Ah, se ele fosse brasileiro

EM TEMPOS DE ESCASSEZ ABSOLUTA NA LATERAL-DIREITA DA SELEÇÃO, O PARAGUAIO ARCE CONFIRMA A FAMA DE MELHOR DA SUA POSIÇÃO NO PAÍS

POR CHRISTIAN SCHWARTZ

A história aconteceu num campo de várzea do interior do Paraguai. O 15 de Mayo, de Paraguary, cidadezinha localizada 70 quilômetros ao sul da capital do país, Assunção, tem uma falta na intermediária, a seu favor. Quem se apresenta para a cobrança é o camisa 10 do time. Mirrado, 15 anos de idade apenas, o garoto ajeita a bola e toma distância. O chute sai forte — muito mais do que se poderia esperar de um menino franzino daqueles — e acerta em cheio a cabeça de um dos grandalhões que formava a barreira. A confusão é geral.

O jogador atingido sai de campo direto para o hospital mais próximo. Naquele ano (1986), o time de Paraguary sagrou-se campeão, pela primeira e até hoje única vez, do torneio que reúne os clubes de menor expressão no Paraguai, uma espécie de divisão interiorana. Quanto ao garoto da camisa 10, muito ainda se ouviria falar dele. Era um tal Francisco Javier Arce Rolón — o Arce do Palmeiras e da Seleção Paraguaia que foi à Copa da França.

Arce havia sido descoberto um ou dois anos antes por Carlos Isasi, tio do lateral Isasi (ex-São Paulo, atualmente no América-MG) e treinador do 15 de Mayo à época. O lateral do Palmeiras morava em frente ao campo de treinamento do clube e costumava passar dias inteiros por ali, chutando, descalço, uma bola velha. "Ele era um menino ainda e já tinha aquele chute formidável", recorda-se Carlos Isasi, hoje trabalhando como taxista em San Alberto, um vilarejo distante 100 quilômetros de Ciudad del Leste. Convidado a jogar pelo 15 de Mayo, o garoto nem chegou a passar pelas categorias de base: fez sua estréia direto no time de cima.

Eficiência com simplicidade

A carreira profissional começou no Cerro Porteño. Lá, Arce teve dois treinadores brasileiros: Paulo César Carpegiani, que depois o levaria para a Seleção Paraguaia, e Valdyr Espinosa. "Quando cheguei, o Arce estava nas Olimpíadas de Barcelona e o pessoal do clube me disse: 'Olha, tu vais conhecer um jogador que bate na bola de forma extraordinária'", conta Espinosa. O técnico achou que era exagero. Não precisou de mais que um treino para mudar de opinião: "Além da técnica apuradíssima, desde o início ele mostrou muita personalidade. Logo no primeiro dia já foi dizendo que era o dono da camisa 10 e que seria o titular". No Cerro Porteño, Arce foi três vezes campeão paraguaio e jogou ao lado do irmão mais velho, o zagueiro Juan Arce, 30 anos, que abandonou a carreira aos 26 por causa de uma contusão no joelho. Mais tarde, Juan passou por vários times pequenos e muitas vezes teve que marcar o irmão caçula. "Nossos duelos eram sempre amigáveis", diz o ex-jogador. Amigáveis mas, pelo visto, muito bem disputados: num desses encontros — uma partida entre Cerro Porteño e Cerro Corá —, o zagueiro quebrou o pé ao tentar travar um dos mortais chutes de primeira de Arce.

No início de 1995, o Grêmio procurava um lateral-direito. Com Carpegiani, Arce passara a jogar como ala, e foi logo aprovado pelo técnico do Tricolor gaúcho, Luiz Felipe Scolari, que, no começo deste ano, o indicou ao Palmeiras e a quem o jogador credita a noção de marcação que diz ter adquirido desde que passou a atuar no futebol brasileiro. O Grêmio comprou Arce por cerca de 300 000 dólares. Vendeu o passe ao Palmeiras por quase 4 milhões, investimento do qual a diretoria alviverde não se arrepende: até o jogo contra o Guarani, 5 dos 14 gols do Palmeiras no Brasileirão começaram nos pés do lateral. Arce fez ainda os 2 gols de falta da vitória do time de Felipão sobre o Atlético-MG.

Casado, pai da pequena Ambar Milena, de oito meses de idade, Arce foi mais longe do que jamais poderia imaginar quando era apenas um menino pobre de Paraguary, que batia bola descalço em frente de casa. Mas não perdeu sua principal qualidade: a humildade. Não anda de carro importado, como os colegas de clube — tem um Gol 98 com placa do Paraguai —, e raramente sai de casa. "Sou um cara simples, assim como meu futebol também é simples", resume Arce. Nestes tempos em que só Cafu inspira alguma confiança ao torcedor brasileiro, é pena que tamanha simplicidade — e eficiência — não esteja a serviço da Seleção Brasileira.

"Sou um cara simples, assim como meu futebol também é simples"

Perigo à vista. Arce prepara mais um de seus torpedos: coitado do goleiro

Frio? Dorminhoco? Mas o Divino Ademir da Guia também não era assim? De qualquer forma, Alex teve de carregar a pecha durante toda a sua trajetória no Palmeiras. Respondeu os críticos com títulos, gols e jogadas refinadas. Ficou na memória de quem entende de futebol.

Alex é só alegria

ELE, ACREDITE, NÃO GOSTAVA DE JOGAR. MESMO ASSIM, ERA CHAMADO PARA AS SELEÇÕES. AÍ, DECIDIU SER ATLETA DE VERDADE.TRAÇOU UM DESTINO QUE CUMPRIU FIELMENTE

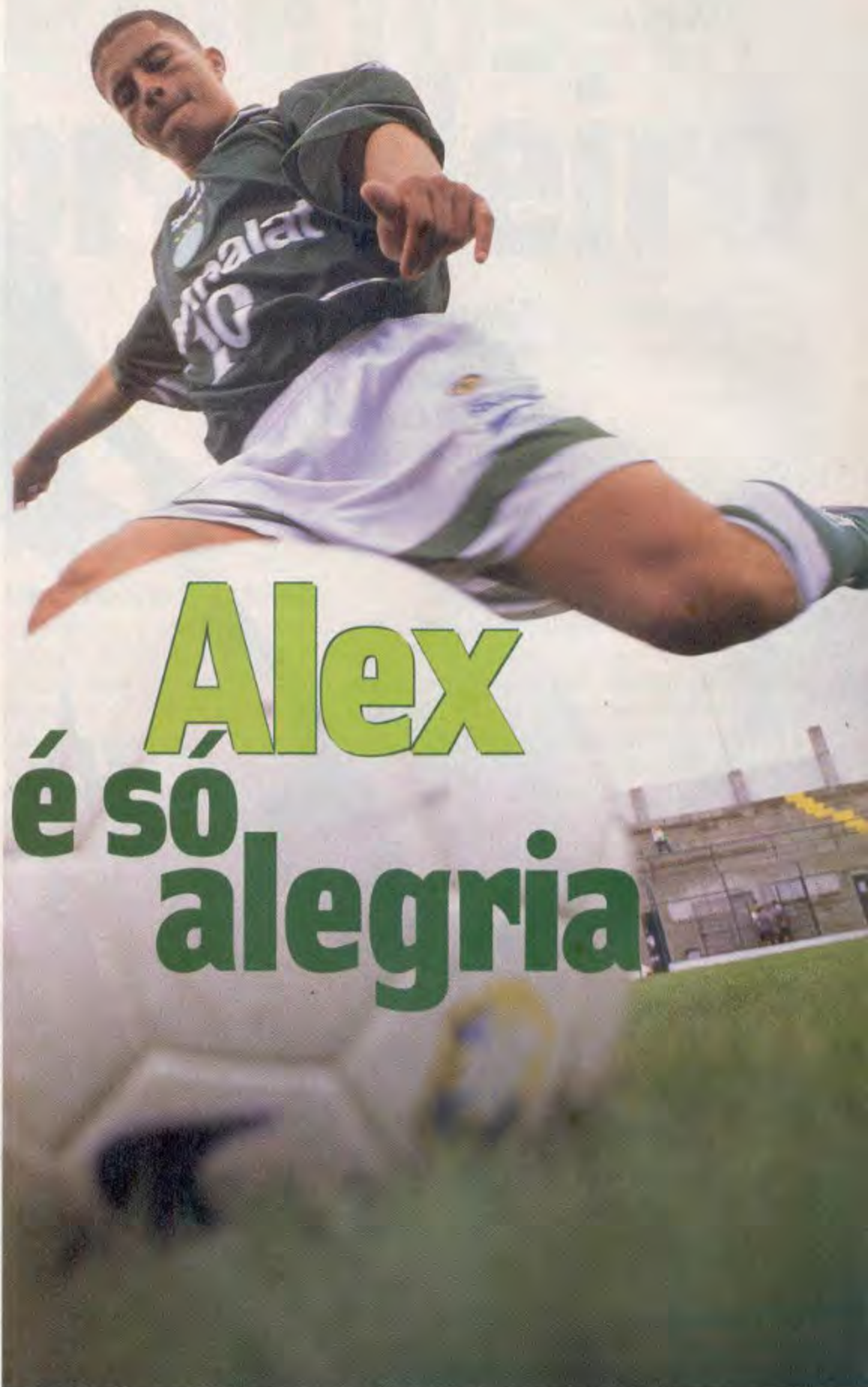
POR PAULO VINÍCIUS COELHO

Corria o mês de maio de 1994 no dia em que Alex ligou a televisão para ouvir a relação dos convocados para a Copa do Mundo dos Estados Unidos. A lista vinha sem surpresas. "Taffarel, Bebeto, Romário..." De repente, o estalo: "Ronaldo." Num segundo, o mundo do menino de 17 anos virou de pernas para o ar. O segundo em que decidiu levar o futebol a sério.

"Esse cara jogou comigo!", pensou Alex ao ver o nome de Ronaldinho inscrito para a Copa do Mundo. "Menos de um ano antes, ele havia sido revelado, no mesmo time que eu", pensava Alex, espantado. Foi assim, motivado pelo sucesso do amigo, que nasceu o craque Alex. Ele e Ronaldo jogaram juntos o Sul-Americano Sub-17 de 1993, em que o centroavante foi artilheiro e Alex destaque da Seleção.

Até 1994, jogar pelo Coritiba era uma provação. Todos os dias, tinha de ir para os treinos no estádio Couto Pereira. Um aborrecimento. Do que gostava mesmo eram das noites, quando corria no cimento duro de uma quadra de futebol de salão, na Associação Atlética Banco do Brasil. Futebol de campo? Que nada. A paixão de Alex era a bola pesada, os dribles curtos, os toques rápidos.

O time da AABB dava gosto. Alex dividia as quadras com o meia Lúcio Flávio, do Paraná, com Ricardinho, hoje no Corinthians. Só seguia no gramado porque insistiam que era craque. E, mesmo a contragosto, foi parar na Seleção Brasileira Sub-17. "Eu não gostava do campo. Não me dava prazer", diz o meia.

Este mês, seis anos depois de descobrir que podia se dar bem na grama, Alex assinou contrato com o Parma, da Itália. Ainda é preciso definir se jogará pelo clube neste semestre, mas é a última etapa de um destino que ele próprio

Batendo na bola, com a precisa canhotinha: habilidade herdada dos tempos do futebol de salão

traçou, assim que resolveu levar os campos a sério. Em vez do improviso, começou a projetar como seguiria os passos de Ronaldinho.

"Imaginei estar em um clube grande por volta dos 22 anos, chegar à Seleção lá pelos 24, ir para a Europa com 26. Tudo aconteceu rápido demais", admite, aos 22 anos.

Alex deixou o Verdão por 16 milhões de dólares — há quem fale em 29 milhões, mas a Parmalat nega. Esse valor o transforma no terceiro jogador mais caro a deixar um clube brasileiro. Só Denilson, vendido pelo São Paulo por 27 milhões de dólares, e Lucas, por 21 milhões, custaram mais. Ronaldo trocou o Cruzeiro pelo PSV por 6 milhões de dólares, em 1994.

Quer dizer que Alex está pronto para explodir no futebol europeu? Não necessariamente, Alex só irá cumprir mais uma etapa do que planejou. Há tempos ele chegou à conclusão de que sua carreira seria curta se continuasse exposto ao calendário brasileiro. Na sua conta, a diferença são 15 jogos. Na temporada 1999, entrou em campo 76 vezes, juntando Palmeiras e Seleção. O atacante Raúl, da mesma idade, jogou 61 partidas somando Real Madrid e Seleção Espanhola.

Alex tem tudo isso cadastrado em uma agenda eletrônica de bolso. Guarda informações sobre os jogos que disputou, os gols que marcou, os títulos que levantou... cada detalhe está registrado. "Quando comecei a jogar, levei um susto. Perguntava para um jogador quantos gols já havia marcado e a resposta era 'não sei'. Questionava outro sobre o seu primeiro título e lá vinha um 'sei lá'. Muito esquisito", afirma.

O resumo dos cinco anos como profissional conta 351 jogos, 102 gols. Conta também histórias como a de possuir uma incrível coleção de camisas de clubes. Uma lenda que, se fosse verdade, exigiria a compra de um novo guarda-roupa para que coubessem os souvenirs das partidas de copas européias, que disputará daqui por diante. "Troco camisas quando pedem, mas não tenho o hábito de guardá-las. Só guardaria se um dia tivesse uma do Zico", diz.

Entre as lendas que circulam sobre sua carreira está um curso de francês, que teria iniciado pensando no interesse de Olympique de Marselha e Paris Saint-Germain, em 1998. Os jornais divulgavam que Alex estaria com um pé no futebol francês. E que Alex se prevenia estudando a língua com a qual teria de se acostumar. "Não sei nem falar 'bonjour'. E não falo uma palavra de italiano", admite. Mesmo assim, apelando para os ancestrais da mulher, Daiane Mauad, está tentando a nacionalidade italiana, ou alemã.

MARCOS RESENDE

Vibrando, na comemoração de um gol: Alex já se conformou com os que criticam sua "sonolência"

Alex também sabe pouco sobre o Parma, apesar de assistir todos os domingos aos jogos do Campeonato Italiano. Na concentração, é sempre o mais ligado à televisão, para ver futebol, enquanto os outros preferem jogos de cartas ou dormir. Por essas e outras, recebeu do meia Zinho o apelido de "boleirão". A brincadeira nasceu quando o Esporte Espetacular, da Rede Globo, visitou a concentração do Palmeiras para fazer uma espécie de "vestibular da bola". A pergunta dirigida a Alex referia-se ao ano em que Charles Miller trouxe a primeira bola para o Brasil. O meia olhou as opções e mandou a resposta: 1894. O apelido nasceu junto com o espanto dos colegas com a resposta correta.

"Imaginei estar num clube grande por volta dos 22, chegar à Seleção aos 24, ir pra Europa com 26. Tudo aconteceu rápido demais."
O "PREMATURO" ALEX

Os conhecimentos de futebol não o transformam num expert. Mas, comparado com os colegas, é quase um gênio. Se a pergunta é sobre seu time do coração, o Coritiba, responde sem gaguejar a escalação campeã brasileira em 1985. Na Copa das Confederações-99, impressionou ao discorrer sobre o time do Egito, que disputava o torneio. "Na Seleção Sub-20, ele respondia umas coisas que nunca imaginei que alguém soubesse", diz Adaílton, do Verona.

Adaílton era, junto com Alex, a estrela do time do Mundial de juniores, em 1997, quando o Brasil goleou Coréia do Sul e Bélgica marcando dez gols em cada partida, mas foi eliminada com uma derrota para a Argentina. A carreira dos dois correu por destinos opostos. Adaílton foi para a Europa logo depois do mundial, perambulou por Parma, Paris Saint-Germain e Verona, sem nunca ter uma chance concreta. Acabou esquecido no Brasil. Alex virou ídolo no Palmeiras, chegou à Seleção, mas não conheceu de perto o futebol europeu. "Claro que ele vai ter de adaptar algumas características se quiser ter sucesso", afirma Adaílton. "Lá, o jogo é pelo alto, aqui é pelo chão. Vou ter de me adaptar mesmo", opina o reforço do Parma.

Vai ter, por exemplo, que abandonar a fama de dormir e sumir do jogo, que tanto o persegue no Brasil. "Isso não me incomoda. Quando eu tiver 30 anos ainda vão me taxar assim", diz Alex. Também vai ter de abandonar a pelada anual nas quadras de salão da AABB. Todo fim de ano, reúnem-se os meninos que trocaram as quadras pelos campos. Gente como o zagueiro Mílton do Ó, o atacante Marcelo Lipatin, do Coritiba, além de Lúcio Flávio, Ricardinho e Alex. Ali, na quadra, com uma bola pesada, Alex é craque. Ainda bem que descobriu que também é no campo.

Ele ainda nem sonhava em ser titular da Seleção. Pelo contrário: revelava mágoa quando o assunto era a amarelinha. Mesmo assim, Marcos já era chamado de São Marcos pelos palmeirenses. Herói em campo e sem papas na língua fora dele, ele tornou-se, sem fazer força, o sucessor de Leão.

"São Marcos" em ação: defendendo pênalti, contra o Peñarol, na Taça Libertadores-2000

O evangelho segundo São Marcos

ELE É CHAMADO DE SANTO PELA TORCIDA. NÃO É À TOA: ATÉ NO CORPO TRAZ OS ESTIGMAS DAS DEFESAS DIFÍCEIS E DAS PANCADAS DOS ADVERSÁRIOS POR PAULO VINÍCIUS COELHO

O dedo mínimo da mão direita quebrou num treino, no começo deste ano. A lesão nunca foi curada porque o goleiro não quis se tratar, com medo de ficar algum jogo de fora. "Contra o Guarani, joguei com o dedo quebrado." A mão esquerda sofreu uma fratura ano passado. Sentia dores, os médicos pediam um exame, Marcos se recusava a fazê-lo. De tanto levar boladas na mão, perdeu parte da cartilagem, os ossos começaram a ter contato direto entre si. A cirurgia foi inevitável. Na famosa disputa por pênaltis contra o Corinthians, em 2001, Marcos jogou com a mão quebrada. "Às vezes tenho de ajeitar o dedo mindinho durante o jogo. A bola bate e ele sai do lugar." Contra o maior rival, a dor é o de menos. "Jogo contra o Corinthians eu dou a cara para o adversário chutar, mas a bola ele não chuta, não." É por isso que, apesar de as lesões mostrarem que não tem lá muita proteção divina, Marcos fecha o gol.

A cada defesa a torcida cita o nome de São Marcos, e não é só por causa dos milagres. Além das duas lesões, Marcos também fraturou a fíbula pisando num buraco, em 1997. No mesmo lance, rompeu os ligamentos do tornozelo direito. Marcos também teve uma lesão no púbis. Tudo agora merece cuidado especial: "Faço uma bandagem com esparadrapo no dedo, ataduras nos tornozelos, para evitar novas torções. Enfaixo a mão esquerda. Sem faixa, a bola bate e a mão torce."

Marcos não gasta menos do que 20 minutos se preparando para cada jogo. A mãe, dona Antônia, passa os 90 minutos das partidas rezando pelo filho. "Meu pai ficou todo o jogo contra o São Caetano abraçado numa imagem de São Marcos que ganhei ano passado. Minha mãe não é devota de nenhum santo, não. É de todos. É ai, meu Santo Antônio, ai, meu São Benedito, ai, meu São Marcos..." Mãe é mãe, sabe o filho que tem.

A carreira começou em Oriente, perto de Marília (SP), onde nasceu em 1974. É o caçula de uma família de seis irmãos — quatro homens — em que a tradição rezava que o mais novo ia para o gol. E lá ia o caçula proteger o muro do terreno que ficava ao lado de sua casa e que tinha uma trave pintada em branco.

Daí até chegar ao Palmeiras, trabalhou numa usina de açúcar analisando a qualidade da garapa, em Oriente. Ajudou o pai nas plantações do sítio da família. Aos 18 anos, pediu ajuda aos irmãos e se mandou para Lençóis Paulista, para jogar nos juvenis do Lençoense. Nas folgas, pegava o ônibus para ver a família com dinheiro emprestado. O técnico Neno, então, arrumou um teste num grande clube de São Paulo. O Corinthians.

Seleção, nunca mais

"Disputei uma Copa São Paulo e fui reserva do Felício e do Edílson", diz. Ser terceiro goleiro do Corinthians não era problema. Frustrante mesmo foi ser dispensado. Triste, voltou para Oriente e só jogou de novo no Lençoense porque seu técnico, Neno, acenou com a possibilidade de ir para o Palmeiras. No ano seguinte, Marcos já era do clube e estava na Seleção de Juniores, pronto para disputar o Mundial da Austrália, do qual o Brasil acabou campeão. "Eu estava voando e fui cortado no dia do meu aniversário. Jurei que não voltaria mais para qualquer seleção, a não ser a principal."

Voltou em 1996, depois de disputar apenas 12 partidas pelo Palmeiras no Brasileirão. Era reserva de Velloso. "Nós o convocamos pelo que estava fazendo no Palmeiras, mas também levamos em conta sua história nas seleções de base", afirma Américo Faria, na época na CBF, hoje diretor de futebol do Palmeiras. Até hoje, no entanto, Marcos demonstra uma pequena tristeza quando o assunto é seleção. Nunca foi o preferido dos treinadores. Ele se gaba de não ter levado gols na única

"Fui cortado no dia do meu aniversário. Jurei que não voltaria mais para qualquer seleção, a não ser a principal."

MARCOS, DESILUDIDO COM A SELEÇÃO

partida que disputou, contra a Espanha, em Vigo, em 1999. Mas lamenta: "Eu sempre fui reserva."

Marcos evita a comparação com Rogério e Dida, principais concorrentes para o Mundial 2002. Quem compara é o preparador de goleiros Valdir de Moraes, que o lançou no Palmeiras e trabalhou com Dida na Seleção e no Corinthians: "A imagem que ele passa é de ter mais agilidade do que o Dida, que transmite mais tranqüilidade."

Os técnicos da Seleção Brasileira ainda não o descobriram como titular. Os empresários das fábricas de material esportivo, sim. Há meses Marcos negocia um contrato com uma empresa alemã de luvas. Ainda não acertou as bases, mas já faz suas exigências. A principal é contar com o maior número possível de pares.

O modelo de palmas vermelhas, mais aderente, é sob medida para os jogos noturnos, sempre mais úmidos. "Seguram mais a bola", afirma. Para os jogos durante o dia, a palma é branca.

O goleiro do Palmeiras diz que sua grande qualidade é o gosto pela vitória, que também pode ser entendido como ojeriza da derrota. Não pela derrota,

RICARDO CORRÊA

Com Roque Júnior: criticados e pentacampeões

mas pela cobrança nas ruas no dia seguinte. "Você perde, o cara passa vale e diz: 'Pô, se você não toma aquele gol...'" Marcos também se diz incomodado com os rivais tirando sarro. Ainda se lembra da provocação de Edílson nos 2 x 0 do segundo jogo das quartas-de-final da Libertadores-99. "Ele disse: 'Daqui a pouco eu guardo.' Guardou e falou: 'Agora vocês estão f...' Balancei a cabeça e pensei: 'É, agora a gente tá f...'"

O carro é meu

Só que o Palmeiras ganhou, acabou campeão e a vitória deu outro gostinho ao goleiro. Além do título da Libertadores, foi eleito o melhor jogador da competição, em 1999. O prêmio foi um Toyota Corolla, hoje avaliado em 46 mil reais. Marcos vendeu o carro, doou uma parte para duas instituições de caridade, outra para os roupeiros e massagistas do clube. E embolsou o resto. "Eu é que não ia dividir. Era o pior salário do clube!"

Marcos não se lembra da cara feia dos colegas, mas ela deve ter lhe custado alguns fios de cabelo. Para compensar, nos últimos tempos, trocou o visual. Deixou um cavanhaque ralo, a barba por fazer. Uma tentativa de descontar os cabelos que perde diariamente. "O jeito de o homem variar o visual é mudar o corte. Eu não tenho mais cabelo, então..." O amigo e antigo concorrente Velloso optou por um implante capilar. "Não vou fazer isso, não. Já me acostumei com o cabelo assim."

Marcos tem lá seus prazeres, como colecionar bonés ou ouvir música sertaneja. "Eu gosto é de sertanejo brabo. De Teodoro e Sampaio, Tião Carrero e Pardinho..." Mas prazer mesmo é o filho Lucca, de 2 anos, fruto do relacionamento com uma antiga namorada. Os passeios são poucos. A área de lazer do shopping West Plaza, na zona oeste de São Paulo. Ou... "Bola! Brinquedo pra ele é bola. Tô investindo pesado no moleque."

Marcos diz que preferia ver no filho um artilheiro. Jura que os gols estão no sangue da família, que até ele fazia os seus. "Hoje eu pergunto: 'Lembra quantos gols eu fazia?' Ninguém lembra." O filho brinca com a bola quanto tempo o pai quiser. Mas na hora de conferir... "Outro dia, pus a bola em cima da linha e disse: 'Faz, Lucca!' Ele correu e pegou-a com a mão. Uma decepção!" A profissão está no sangue da família. Mas o menino pelo menos se machuca menos do que o pai famoso. ○

Foram apenas dois anos, mas que dois anos! Rivaldo firmou-se com um dos melhores jogadores do mundo com a camisa do Palmeiras. E o que é melhor: ele chegou ao Palestra Itália após uma rasteira dada no rival Corinthians, que marcou ponto e não conseguiu segurá-lo por lá.

O homem certo no lugar errado

Rivaldo, contra o Paraná, na sua estréia: se ele não brilhou no Corinthians, fez tudo isso e um pouco mais no Palestra Itália

ACHAR PESSOAS QUE QUESTIONEM O TALENTO DE RIVALDO É TÃO DIFÍCIL QUANTO ENCONTRAR AQUELES QUE ESTEJAM SATISFEITOS COM O DESEMPENHO DELE NA SELEÇÃO

Uma das coisas que mais aborrecem Rivaldo é o velho papo de que na Seleção Brasileira ele não rende o mesmo que rendeu no Palmeiras ou no Barcelona. Seu argumento contra isso é simples e desconcertante: ele também joga mal pelos clubes que defende de vez em quando. Poucos vêem, é verdade, pois nos gols da rodada só aparecem os lampejos de craque do meia. Nunca são mostrados os passes errados e as bolas perdidas no meio-campo que tanto irritam os torcedores brasileiros quando ele está vestido de amarelo. "Estou muito cansado disso. É que não vêem o que se passa lá, mas às vezes jogo mal também, sou criticado. Não dá para manter o alto nível em todas as partidas. Mas sou um jogador que pode decidir a qualquer momento", diz.

Se dependesse exclusivamente da vontade dele, melhor seria trabalhar no ostracismo, sem elogios nem contestações. O meia não fica à vontade com o assédio e a pressão que recebe na Seleção, as entrevistas parecem ser um martírio por conta de sua timidez. Boa parte desse assédio se deve ao fato de que, após o declínio na carreira de Romário e as seguidas contusões de Ronaldo, sobrou para Rivaldo o papel de craque brasileiro. Quando chegou ao Barcelona, justamente para substituir o Fenômeno, negociado com a Internazionale de Milão, ele enfrentou o mesmo desafio. E deu conta. A torcida ficou desconfiada na apresentação do meia, que, tímido e caladão, limitou-se a dizer que não aceitava comparações. Em apenas 60 dias, porém, poucos se lembravam de Ronaldo. Em três meses, Rivaldo já era artilheiro do time. Em oito, estava consagrado: marcou 21 gols na temporada 1997-98 e liderou o Barcelona na conquista do Campeonato Espanhol, feito que o Fenômeno não conseguiu enquanto esteve no Nou Camp.

O melhor do mundo

Em 1999, seria eleito pela Fifa o melhor jogador do mundo, superando o inglês Beckham e o argentino Batistuta. Isso sem precisar usar de marketing pessoal, bajular jornalistas, freqüentar festas ou namorar mulheres famosas para superar rivais mais badalados. O prêmio da Fifa veio no ano em que Rivaldo novamente foi comandante e artilheiro do Barcelona na conquista do bicampeonato espanhol. Na Seleção o meia também faturaria um bi em 1999, o da Copa América, onde foi o maior destaque do time.

Era o ápice de uma trajetória iniciada em 1991, quando o pernambucano Rivaldo Victor Borba Ferreira despontou no Santa Cruz. Um ano depois, ele fez um excelente Campeonato Paulista pelo Mogi Mirim, o que acabou rendendo a oportunidade de um empréstimo para o Corinthians na temporada seguinte.

Tchau Corinthians

Em 1994, o Palmeiras deu uma rasteira no rival e levou o meia para o Parque Antártica. Lá, Rivaldo venceu o Brasileiro de 1994 e o Paulista de 1996, no inesquecível time dos cem gols. Foi o começo da extraordinária valorização do jogador. O Palmeiras pagou 2,4 milhões de dólares por ele. Quatro anos depois, vendeu-o ao La Coruña por 9 milhões de dólares. O Barcelona, por sua vez, desembolsou 29,6 milhões de dólares em 1997.

Na Seleção, no entanto, Rivaldo só tem se desvalorizado desde a sensacional exibição num amistoso contra a Argentina em Porto Alegre em 1999. Na vitória de 4 x 2 do Brasil, ele fez três gols e agradou a todos, mas por pouco tempo.

Nas Eliminatórias voltou a freqüentar a lista de negra de muitos torcedores e jornalistas. "Na Seleção você chega direto para jogar, se for mal, te crucificam. Nem sempre as coisas acontecem da maneira que a gente quer", diz, rebatendo as velhas críticas que recebe desde as Olimpíadas de Atlanta, em 1996: quando aparece no meio-campo, costuma prender demais a bola e propiciar perigosos contra-ataques para os adversários; quando se manda para frente, participa pouco do jogo.

Desses defeitos todos lembram, poucos recordam, porém, que Rivaldo foi artilheiro do Brasil nas Eliminatórias (ao lado de Romário) com oito gols e que decidiu jogos importantes, como na vitória por 3 x 2 sobre o Equador, no Morumbi, quando fez dois dos gols brasileiros sem ligar para as insistentes vaias dos paulistas que lotavam o estádio. É por isso que, entra técnico, sai técnico da Seleção e o meia continua no time. Até aí, nenhuma novidade. Qualquer treinador do planeta minimamente inteligente conta com Rivaldo.

ROSANE MARINHO

"Não dá para manter o alto nível em todas as partidas. Mas sou um jogador que pode decidir uma partida a qualquer momento."
RIVALDO

O desafio é saber como posicioná-lo em campo para extrair o que ele tem de melhor, a precisão nos chutes, os dribles em direção ao gol e um certo faro de artilheiro. Como armador da equipe, ele deixa a desejar por não ser o jogador cerebral que a função exige e por prender a bola em demasia. Como atacante fixo é marcado com facilidade.

Não definir um único lugar em campo talvez seja o melhor jeito de não errar mais ao colocar Rivaldo no time. Porque, apesar das críticas, ele é o homem certo. Ah, isso é.

GLADSTONE CAMPOS

O MUNDO DE ESPECIAIS PLACAR

Confira o vasto cardápio com todas as edições especiais publicadas em 2002 e o que ainda vem por aí...

COLEÇÃO COPA 2002

PLACAR NAS COPAS (ABRIL)
As reportagens de todos os jogos da Seleção Brasileira desde 1970 publicadas na PLACAR. **52 páginas, R$ 4,50.**

SELEÇÃO DO POVO (ABRIL)
Pesquisa revelando quem eram os preferidos da torcida e os perfis da Família Scolari. **52 páginas, R$ 4,90.**

GUIA DA COPA (MAIO)
O melhor guia com fichas e fotos dos 736 jogadores do Mundial de 2002. **148 páginas, R$ 6,80.**

O MELHOR DA COPA (JULHO)
A grande final, os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, as imagens mais incríveis, o tabelão completo. **114 páginas, R$ 6,90.**

PÓS-JOGO COPA 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (JUNHO).
Seis especiais pós-jogos com fotos e textos das partidas do Brasil, perfis e tabelão da Copa. **36 páginas, R$ 3,90 cada.**

DVD A HISTÓRIA DO FUTEBOL 1, 2, 3 e 4 (JUNHO)
Quatro revistas com DVDs dos filmes oficiais da Fifa com os gols e melhores momentos das Copas de 30 a 98. **R$ 19,90 cada.**

O PENTA TAMBÉM É SEU (AGOSTO)
Livro do fotógrafo da PLACAR Ricardo Corrêa com as melhores imagens do Mundial 2002. **100 páginas, R$ 19,90.**

100 FOTOS DA SELEÇÃO (JULHO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos da Seleção Brasileira em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

PÔSTER BRASIL PENTA (JULHO)
O superpôster do Brasil, as fichas dos pentacampeões, autógrafos e a reportagem da final. **R$ 2,50.**

COLEÇÃO GUIAS E CAMPEÕES

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES (JANEIRO)
Pôsteres de todos os campeões nacionais de 2001. Para guardar e colocar na parede.
48 páginas, R$ 4,50

PÔSTER CRUZEIRO SUL-MINAS (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 3,50.**

GUIA DO SEMESTRE (MARÇO)
Guia dos regionais, estaduais, Libertadores e Copa do Brasil com informações sobre os clubes participantes.
84 páginas, R$ 4,90.

PÔSTER CORINTHIANS RIO-SÃO PAULO (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 2,90 .**

100 FOTOS DO CORINTHIANS (MAIO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos do Corinthians em todos os tempos.
100 páginas, R$ 9,90.

PÔSTER BAHIA COPA DO NORDESTE (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor.
R$ 3,50.

COLEÇÃO 13 CLUBES

GRANDES PERFIS
Os melhores perfis publicados na PLACAR desde 1970 de Flamengo, Corinthians, Atlético-MG, Internacional, Vasco, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Palmeiras, Bahia, Santos e Botafogo. Em 13 edições especialíssimas.
52 páginas, R$ 4,90, a partir de setembro.

E o que vem por aí...

COLEÇÃO BRASILEIRÃO 2002

GUIA DO BRASILEIRÃO
O melhor guia com fichas e fotos dos 486 jogadores do Brasileiro de 2002, curiosidades, tabelas e muito mais. **128 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas**

A HISTÓRIA DO BRASILEIRÃO
Especial acompanhado de CD-ROM que traz as fichas completas dos 11 065 jogos do Campeonato de 1971 a 2001. **32 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas.**

ALMANAQUE DO BRASILEIRÃO
Especial com mais de 100 perguntas sobre o Brasileiro, Tabelão de 2002, as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em outubro.**

REVELAÇÕES DO BRASILEIRÃO
Especial com os destaques do campeonato, as fotos coma assinatura PLACAR, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em novembro.**

RETROSPECTIVA DO ANO
Especial com o que aconteceu de melhor no Brasileirão, Copa do Brasil, estaduais, Copa do Mundo e destaques do ano do futebol. Além do Tabelão do Brasileiro, Bola de Prata e Chuteira de Ouro. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em dezembro.**

O MELHOR DO BRASILEIRÃO
Especial com os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, o Tabelão completo de todo o campeonato, o resultado final da Bola de Prata e da Chuteira de Ouro. Para as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas no final de dezembro.**

VENDAS POR INTERNET

NO SITE WWW.PLACAR.COM.BR (LOJA PLACAR) É POSSÍVEL COMPRAR PACOTES DOS ESPECIAIS PUBLICADOS EM 2002

> Pacote Copa total:
Os seis especiais pós-jogo, o Melhor da Copa e o Pôster do campeão: de R$32,80 por R$19,90 mais frete.

**Para comprar algum revista específica basta pedir ao jornaleiro mais próximo*

> Pacote 4 DVDs:
Os quatro especiais História das Copas com os vídeos oficiais dos Mundiais de 1930 a 1998: de R$79,60 por R$69,90 mais frete.

> Pacote Corinthians:
O Almanaque do Timão, o especial 100 fotos do Corinthians e o pôster do campeão da Copa do Brasil: de R$22,70 por R$14,90 mais frete